

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS

SÍNTESE DE ESTUDOS FLORÍSTICOS DA FLORESTA ATLÂNTICA DA BAHIA

BEATRIZ DOS SANTOS SOUZA

Cruz das Almas – BA  
Agosto de 2017

BEATRIZ DOS SANTOS SOUZA

SÍNTESE DE ESTUDOS FLORÍSTICOS DA FLORESTA ATLÂNTICA DA BAHIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado do Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB pela discente Beatriz dos Santos Souza como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Engenharia Florestal.

**Orientador:** Patrícia Luz Ribeiro.

Cruz das Almas – BA  
Agosto de 2017

BEATRIZ DOS SANTOS SOUZA

SÍNTESE DE ESTUDOS FLORÍSTICOS DA FLORESTA ATLÂNTICA DA BAHIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Engenharia Florestal.

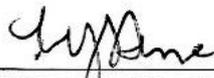
Aprovado em: 28 de Setembro 2017.

Comissão Examinadora:



---

**Dr.ª Patrícia Luz Ribeiro**  
Orientadora



---

**Dr.ª Lidyanne Yuriko Saleme Aona**  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



---

**Dr.º Grênivel Mota da Costa**  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela presença doce e sublime na minha vida e suas diferentes maneiras de dizer “estou contigo”.

A Universidade, em seu corpo docente, direção, administração e aos queridos funcionários, por toda dedicação que tornaram possível a caminhada ao longo do curso.

Aos professores dessa jornada, pela orientação, ensinamentos, apoio e confiança. Por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas também a manifestação do caráter, ética e humildade na formação profissional.

Aos meus pais, Hamilton Souza e Luzia Sueli, por serem essenciais na minha vida. O cuidado, incentivo, dedicação e esforço de vocês foram fundamentais na conclusão dessa etapa da minha vida. Sem vocês eu jamais conseguiria chegar até aqui, obrigada por todo amor, amo vocês.

Aos meus irmãos Diego Souza e Carine Souza, vocês são o melhor presente que meus pais poderiam ter me dado na vida. Obrigada pelo amor de vocês. Di, sem seu incentivo e paciência esse sonho não seria possível, você e minha Âncora e alicerce.

Aos meus orientadores Patrícia Luz e Grenivel Mota, obrigada pelo acolhimento, paciência e carinho. O apoio de vocês me permitiu chegar ao final desse ciclo de maneira satisfatória.

Aos meus colegas, muito obrigada pelo companheirismo ao longo desses anos. Em especial a Caique, Camila, Douglas, Jonatas e Nayara, que fizeram cada minuto dessa jornada valer a pena.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação, meu muito obrigada.

Aos meus pais que por muitas vezes abdicaram dos próprios sonhos para que os nossos se tornassem possíveis.

## RESUMO

A Floresta Atlântica é uma importante formação vegetal que originalmente cobria mais de 1,3 milhões de quilômetros quadrados, hoje está reduzida a pouco mais que 12% da área original e é tido como um *hotspots* da biodiversidade. Na Bahia distribui-se por cinco regiões, cada uma apresentando características distintas. O intuito deste trabalho foi compilar dados publicados sobre a diversidade florística catalogada na Floresta Atlântica do estado da Bahia, fornecendo um panorama a respeito das famílias e gêneros mais abundantes, das dificuldades e entraves na identificação taxonômica para gêneros e famílias no estado da Bahia. Foi feito um levantamento bibliográfico nas principais bases nacionais e internacionais em busca de artigos publicados sobre a Floresta Atlântica da Bahia até o fim de 2016. As tabelas florísticas obtidas foram compiladas em uma base de dados e a partir desta lista preliminar, contabilizamos e classificamos os táxons não identificados na família, gênero e espécie, além do número total de espécies identificadas por família e por gênero. Foi feita também a análise dos ambientes amostrados. Foram contabilizadas 27 tabelas florísticas obtidas de 18 publicações, destas 11 concentram-se em flora geral e 7 em plantas lenhosas. Os ambientes mais estudados foram as Florestas Estacionais e Ombrófilas. Revelando um estudo ainda incipiente dos ecossistemas associados. As famílias com maior número de espécies identificadas dentro do estado são Fabaceae, Rubiaceae, Myrtaceae, Orchidaceae, Asteraceae e Melastomataceae. E os gêneros mais abundantes são *Eugenia*, *Ocotea*, *Psychotria*, *Solanum*, *Myrcia* e *Inga*. Tratando de problemas de identificação taxonômica os principais entraves estão associados a dificuldades de coletar materiais como flores, frutos e sementes, bem como carência de especialistas para revisão dos gêneros e elaboração de chaves mais precisas que favoreçam a identificação no nível de espécie. As famílias Myrtaceae, Rubiaceae, Lauraceae e Fabaceae seguidas dos gêneros *Eugenia*, *Ocotea*, *Myrcia* e *Pouteria* apresentam maiores problemas de identificação. Foi possível concluir que os estudos dentro do estado precisam ser intensificados, bem como o estudo dos ecossistemas associados e das áreas mais fragmentadas, uma vez que os levantamentos até o momento se concentram em regiões mais adensadas e próximas ao litoral. A formação de botânicos especialistas é imprescindível para realização da identificação taxonômica precisa, reduzindo assim disparidades quanto a riqueza de espécies dentro de gêneros ou famílias.

**Palavras-chave:** Fitossociologia, Floresta Tropical, Compilação, Bahia.

## ABSTRACT

### SYNTHESIS OF FLORISTIC AND STRUCTURAL STUDIES OF THE ATLANTIC FOREST OF BAHIA

The Atlantic Forest is an important plant formation that originally covered more than 1.3 million square kilometers, today it is reduced to just over 12% of the original area and is considered as a biodiversity *hotspots*. In Bahia it is distributed in five regions, each one presenting different characteristics. The aim of this work was to compile published data about the floristic diversity cataloged in the Atlantic Forest of the state of Bahia, providing an overview of the most abundant families and genera of the difficulties and obstacles in the taxonomic identification for genera and families in the state of Bahia. A bibliographical survey was made in the main national and international databases in search of published articles about the Atlantic Forest of Bahia until the end of 2016. The floristic tables obtained were compiled in a database and from this preliminary list, we counted and classified the Unidentified taxa in the family, genus and species, and the total number of species identified by family and by gender. We also analyzed the sampled environments. Twenty-seven floristic tables obtained from 18 publications were counted, of which 11 are concentrated in general flora and 7 in woody plants. The most studied environments were the seasonal and ombrophilous forests. Revealing a still incipient study of associated ecosystems. The families with the highest number of species identified within the state are Fabaceae, Rubiaceae, Myrtaceae, Orchidaceae, Asteraceae and Melastomataceae. And the most abundant genera are *Eugenia*, *Ocotea*, *Psychotria*, *Solanum*, *Myrcia* and *Inga*. In dealing with problems of taxonomic identification, the main obstacles are associated with the difficulties of collecting materials such as flowers, fruits and seeds, as well as the lack of specialists for gener revision and the elaboration of more precise keys that favor identification at the species level. The families Myrtaceae, Rubiaceae, Lauraceae and Fabaceae followed by the genus *Eugenia*, *Ocotea*, *Myrcia* and *Pouteria* present greater problems of identification. It was possible to conclude that studies within the state need to be intensified, as well as the study of the associated ecosystems and the more fragmented areas, since the surveys so far are concentrated in regions denser and closer to the coast. The formation of specialist botanists is essential for accurate taxonomic identification, thus reducing disparities in species richness within genera or families.

**Keywords:** Phytosociology, Tropical Rainforest, Compilation, Bahia.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>Floresta Atlântica Do Brasil</b> .....	9
<b>Floresta Atlântica Da Bahia</b> .....	10
<b>Dados Florísticos e Estruturais da Floresta Atlântica</b> .....	11
<b>Conservação</b> .....	14
<b>MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	16
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	18
<b>CONCLUSÕES</b> .....	33
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	34

## **INTRODUÇÃO**

A Floresta Atlântica brasileira é um dos biomas mais ricos em espécies vegetais e endemismos (PRANCE 1982, MITTERMEIER et al., 1999, TABARELLI et al., 2004). O alto número de espécies endêmicas, juntamente com a perda acelerada de habitat, torna este bioma um dos mais vulneráveis e o coloca entre os 35 *hotspots* da biodiversidade do mundo (MYERS et al., 2000; MITTERMEIER et al., 2005; ZACHOS & HABEL 2011; SHIMABUKURO, MOREIRA e COSTA, 2016; MMA, 2016), justificando uma maior prioridade de conservação. A riqueza de espécies observada na Floresta Atlântica brasileira é, em geral, devido a fortes gradientes latitudinais, altitudinais e de internalização que resultam em um grande número de ecossistemas (STEHMANN et al., 2009).

### **Floresta Atlântica Do Brasil**

Originalmente a Floresta Atlântica cobria 1.300.000 km<sup>2</sup> distribuídos em 17 estados no Brasil. Os séculos de desmatamento levaram à redução da cobertura original deste bioma para 11,4-16%, resultando em fragmentação da floresta (RIBEIRO et al., 2009), com a maioria dos tamanhos de fragmentos menores que 50 ha (RIBEIRO et al., 1999), mas apenas 3,5% de floresta natural permanece intacta (SLOAN et al., 2014).

Tais fragmentos são danificados pelo efeito de borda e pela distância entre si (RIBEIRO et al., 2009). Estas pequenas frações também estão entre as prioridades para a conservação da Floresta Atlântica e, como tal, devem ser devidamente gerenciados para manter o vínculo funcional entre os mosaicos da vegetação, minimizar o efeito da borda e melhorar a conectividade entre fragmentos (ROCHA et al., 2017). Esta é uma grande preocupação, porque a riqueza de espécies pode ser fortemente afetada pelo tamanho e forma dos fragmentos, pelo grau de conectividade entre eles e pelo histórico de uso da terra (METZGER 2003). Adicionalmente, as frações restantes são propensas a diminuir ao longo do tempo, pois estão mais isoladas e muito próximas da borda da floresta e, portanto, suscetíveis a efeitos de fragmentação (BENCHIMOL et al., 2017).

Este alto nível de conversão florestal resulta principalmente do crescimento acelerado da população e do conseqüente aumento de ações antropogênicas prejudiciais ao meio ambiente (ANDRADE et al., 2015). As causas da perda de habitat começaram com o desmatamento desde a colonização do Brasil e procederam a sobre exploração de recursos florestais, agricultura, pastagem e urbanização (TABARELLI et al., 2005), uma vez que o alcance da Floresta Atlântica coincide com as áreas mais urbanizadas do país que se desenvolveram nesta região desde o período da colonização europeia.

As paisagens e os biomas sofreram mudanças significativas como conseqüência da urbanização e da incursão humana em novos ambientes (SHIMABUKURO; MOREIRA; COSTA, 2016). Os ecossistemas florestais nas vizinhanças das populações humanas foram submetidos continuamente a graves perturbações ambientais, tanto de origens naturais como antrópicas, como anormalidades climáticas e altos níveis de ozônio e outros poluentes do ar (TAUSZ et al., 2007; BUSSOTTI, 2008; PAOLETTI et al., 2010; BUSSOTTI & POLLASTRINI, 2015; BRANDÃO et al., 2017).

A perda e a fragmentação do habitat levaram a várias mudanças na estrutura e configuração da paisagem, afetando muito a dinâmica da população e da comunidade (FAHRIG, 2003). As atividades antropogênicas modificaram paisagens florestais tropicais ao longo de séculos, levando a uma cascata de extinções de espécies principalmente impulsionadas pela perda de habitat na escala da paisagem (WRIGHT, 2010; ARROYO-RODRÍGUEZ et al., 2013).

### **Floresta Atlântica Da Bahia**

Originalmente, a Floresta Atlântica ocupava cerca de 36% do território da Bahia, e atualmente, restam menos de 6% de sua cobertura original, assim mesmo, de forma bastante fragmentada, com a maior parte dos remanescentes de dimensões inferiores a 400 hectares e sob forte pressão degradadora (ALCÂNTARA, 2008).

A Floresta Atlântica da Bahia é um dos mais importantes centros de endemismo do país, com alta diversidade biológica, nela se concentrando 30% das espécies endêmicas de aves, 10% das espécies endêmicas de anfíbios e todos os seis gêneros de primatas encontradas no bioma (sagui, mico-leão, guigó, barbado, macaco-prego e murigui), com três dessas espécies só existentes na região (MOURA, 2003).

Já a sua vegetação forma um mosaico de tipologias integradas, constituídas pela floresta ombrófila densa, floresta ombrófila mista, floresta semi-decidual, restingas e manguezais, de características únicas e paisagens notáveis. A Mata Atlântica situada no sul da Bahia tem um valor físico e biológico tão relevante que no ano de 2000 passou a ser considerada “Sítio do Patrimônio Mundial Natural”, pela UNESCO, a qual, através da Fundação das Nações Unidas, tem promovido e apoiado ações voltadas a sua preservação e recuperação (THOMAS, 2003).

### **Dados Florísticos e Estruturais da Floresta Atlântica**

As classificações para as diferentes associações encontradas na Mata Atlântica são baseadas em padrões fisionômicos e florísticos ou em padrões ecológicos. Assim, a Mata Atlântica apresenta variações florísticas muito maiores que as outras formações florestais, e essa característica se deve às variações climáticas que ocorrem ao longo de sua área de distribuição. O conjunto de fitofisionomias bastante diversificadas propiciou uma significativa diversificação ambiental, criando as condições adequadas para a evolução de um complexo biótico de natureza vegetal e animal extremamente rico (CUNHA & SILVA JÚNIOR, 2014).

Dentro dos limites da Floresta Atlântica brasileira, existem pelo menos 5 grandes tipos de vegetação: floresta ombrófila densa, aberta e mista, floresta estacional decidual e semidecidual, campos de altitude, mangues e restinga, incluindo vários habitats naturais florestais e não-madeireiros que cobrem uma ampla gama de elevações, precipitações e gradientes de temperatura e tipos de solo (RIBEIRO et al., 2009).

A Floresta Ombrófila Densa é um tipo de vegetação caracterizado como mata perenifólia, cujo dossel é de até 50 m, com árvores emergentes de até 40 m de altura. Possui densa vegetação arbustiva, composta por samambaias, arborescentes, bromélias e palmeiras. As trepadeiras e epífitas (bromélias e orquídeas), bem como os cactos e as samambaias também são muito abundantes. (JOLY et al., 1991; OLIVEIRA-FILHO; FONTES, 2000), estende-se por parte da região costeira do Brasil e é uma das vegetações (IBGE, 1992) pertencentes ao Domínio Atlântico, fazendo parte do conjunto das florestas tropicais mais ameaçadas do mundo. É a floresta com maior riqueza de árvores por unidade de área, onde no Sul da Bahia estão catalogadas 454 espécies/ha (SCHÄFFER e PROCHNOW 2002).

A Floresta Ombrófila Mista é também conhecida por Floresta com Araucária, e pode ser definida como a unidade fitogeográfica cujo elemento característico é a *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze (CARVALHO, 2009). No Brasil, esta formação ocorre na região meridional. A Floresta Ombrófila Aberta por sua vez é considerada como um tipo de transição entre a Floresta Amazônica e as áreas extra-amazônicas (EISENLOHR, 2015).

A Floresta Estacional Decidual é caracterizada por apresentar duas estações climáticas bem definidas, uma chuvosa seguida de longo período seco, ocorrendo na forma de disjunções florestais e apresentando estrato dominante predominantemente caducifólio, com mais de 50% dos indivíduos despídos de folhagem no período desfavorável (VELOSO et al. 1991). Ocorre em forma de manchas na região do Brasil Central, distribuídas pelos Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Bahia (RIZZINI 1979). As Florestas Estacionais Semidecíduas têm status de altamente ameaçadas com flora e ecologia ainda pouco conhecidas. No Nordeste, Florestas Estacionais ocorrem na transição entre a Mata Atlântica costeira e a Caatinga interiorana ou na zona semiárida nos brejos de altitudes, as Florestas Montanas (CUNHA & SILVA JÚNIOR, 2014).

Campos de altitude são típicos dos pontos mais elevados de montanhas que se soergueram principalmente durante o Terciário (Serras do Mar e da Mantiqueira), estando geralmente situados acima de 1.500 m de altitude e associados a rochas ígneas ou metamórficas, como granito e gnaisse

(CAIAFA & SILVA, 2005, ALVES et al., 2007). Garcia & Pirani (2005), sugeriram que a altitude não seria determinante para a ocorrência desse tipo de vegetação, mas uma combinação de fatores, tais como condições topográficas, proximidade do oceano, circulação atmosférica e tipo de solo.

Manguezais são ecossistemas costeiros de transição da interface terra-mar de regiões tropicais e subtropicais, associados a eventos de transgressão marinha que tiveram o início de seu desenvolvimento há 5 mil anos atrás. Recebe esse nome devido a sua vegetação dominante de mangue, tipo de vegetação halófito (tolerância ao sal) (SCHAEFFER-NOVELLI; COELHO & TOGNELLA-DE-ROSA, 2004). O máximo de desenvolvimento deste tipo de ecossistema se dá em regiões com alto índice pluviométrico e grande amplitude de maré, e.g. região equatorial. O mangue se instala em áreas de sedimentos lamosos não consolidados, com pouca declividade, e em geral associados a baías, lagunas, estuários e deltas (BERTNESS; BRUNO & SILLIMAN, 2001).

A Restinga é um ecossistema particular formado em solos arenosos e pobres em nutrientes que se caracteriza por vegetação heterogênea com forte influência marinha. Este ecossistema é principalmente associado ao bioma da Floresta Atlântica e é distribuído ao longo de toda a costa brasileira, ocupando 80% da área costeira (LACERDA et al., 1982; COUTINHO, 2006). Esta formação varia de vegetação arbórea para florestas fechadas, e é distribuída sobre mosaicos de solo que se estendem para o interior da zona costeira (LACERDA et al., 1982). O macroclima da floresta de Restinga flutua de acordo com sua localização latitudinal, sendo mais estável do que em áreas de campo, mas varia mais amplamente do que florestas com solos mais ricos (BEHLING et al., 2009; MAGNAGO et al., 2010, MENDES et al., 2017) .

Assim este bioma possui alta riqueza de ecossistemas, de espécies e taxas de endemismo. No entanto, é um dos ecossistemas tropicais com maiores riscos de extinção, sendo um dos pontos críticos para a conservação da biodiversidade (GROENEVELD et al., 2009; RIBEIRO et al., 2009; FREITAS et al., 2010; LIRA et al., 2012; BRANDÃO et al., 2017).

## Conservação

Afim de colocar a conservação, gestão e restauração da Floresta Atlântica em uma base científica forte, é necessário mais pesquisas para ajudar a compreender os mecanismos que regulam a biodiversidade, bem como os processos que controlam a estrutura e o funcionamento dessas florestas (VIEIRA et al., 2008).

Apesar de ter hospedado mais de 60% da população brasileira, as florestas que se iniciaram na costa atlântica permanecem relativamente pouco estudadas. Assim, embora a sua elevada diversidade biológica tenha sido documentada, os fatores dessa diversidade e a diversidade das funções do ecossistema fornecidas por diferentes porções da paisagem da Floresta Atlântica continuam mal compreendidas (MARTINS et al., 2015).

Mesmo com grande quantidade de dados biológicos gerados na região da Floresta Atlântica nas últimas décadas (SILVA et al., 2007), a falta de protocolos de inventário padronizados e esforços de amostragem com distribuição espacial fraca resultaram em significantes lacunas de dados geográficos, tornando particularmente difícil usar esta informação para o planejamento de conservação pelos métodos usuais (MARGULES & PRESSEY, 2000; GROVES et al., 2002). Portanto, todos os conhecimentos científicos que contribuem para preservar esses remanescentes florestais são bem-vindos (ESPOSITO & DOMINGOS, 2014; DOMINGOS et al., 2015; ESPOSITO et al., 2016; PEDROSO et al., 2016). Nestas florestas heterogêneas e altamente diversas, que ainda possuem muitas espécies ainda desconhecidas (LEWINSOHN & Prado, 2005), os inventários de biodiversidade são complexos, caros e demorados (GARDNER et al., 2008; RIBEIRO et al., 2009).

Para preservar a biodiversidade atual, várias áreas distribuídas por fragmentos tem sido protegidas. No entanto, uma política de conservação eficiente e responsável requer conhecimento dos padrões atuais de biodiversidade e, mais importante ainda, uma melhor compreensão de sua história evolutiva (ÁLVAREZ-PRESAS et al., 2014).

Assim o objetivo deste trabalho foi sintetizar e compilar informações acerca da diversidade já catalogada para Floresta Atlântica no Estado da Bahia, visando fornecer dados básicos sobre as

famílias mais estudadas, bem como os gêneros mais diversos e dados sobre os táxons que apresentam maior dificuldade quanto a identificação taxonômica no nível de espécie pelos botânicos generalista. Além do número total de espécies catalogadas por gênero e por família.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado com base em uma extensa pesquisa bibliográfica. Consultamos periódica e continuamente as principais revistas brasileiras e internacionais na área de ciências biológicas e botânica, bem como bases eletrônicas internacionais de indexação de dados bibliográficos.

As bases de indexação utilizadas para pesquisa foram: Web of Science, Scielo, ScienceDirect, Periódico Capes, Google Acadêmico, WebOPAC, dentre outras bases. Em busca de artigos florísticos e fitossociológicos publicados sobre a Floresta Atlântica da Bahia, nestas bases utilizamos as palavras chaves tanto em inglês como em português visando uma busca mais precisa e completa. As principais palavras chaves utilizadas durante as pesquisas foram: Floresta Atlântica, Bahia, Florística da Bahia, Fitossociologia, Floresta Tropical, Conservação, Lista de espécies, Levantamento Florístico da Bahia e *Hotspot*.

Nós consideramos como a Mata Atlântica a região fitoecológica mapeada como Floresta Atlântica pelo IBGE descrita por Veloso (1991). Nós também verificamos a bibliografia dos artigos encontrados à procura de artigos citados que não foram compilados anteriormente.

Quando uma tese foi publicada como um artigo científico, consideramos apenas o artigo publicado. Não consideramos relatórios, monografias de graduação e estudos similares não publicados. Consideramos todos os artigos publicados em periódicos revisados por pares até dezembro de 2016. Em seguida, construímos uma base de dados bibliográfica de artigos relacionados à florística e fitossociologia das comunidades de plantas da Floresta Atlântica do estado. A Floresta Atlântica é diversa em fisionomias, cada uma com características particulares, neste estudo consideramos todas as comunidades de plantas dentro destas fisionomias e também nos seus ecossistemas associados, sejam eles: Manguezal, Campos de Altitude e Restinga. Foram incluídas também as regiões ecotonais e aquáticas.

Ao reunir todas as tabelas florísticas e fitossociológicas no banco de dados, produzimos uma lista preliminar dos gêneros, famílias e números de espécies. A partir desta lista preliminar,

contabilizamos e classificamos por meios de filtros no Microsoft Excel (2016) as espécies não identificadas nas famílias e gêneros, assim como o número total de espécies identificadas por família e por gênero.

Após compilação de todos os artigos foi elaborado um mapa no ArcGIS, onde foi plotada as coordenadas geográficas dos estudos analisados para visualização da distribuição dos mesmos dentro da Floresta Atlântica do estado da Bahia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O banco de dados feito para realização deste trabalho incluiu 27 tabelas florísticas obtidas de 18 publicações, apresentadas na tabela 1. Estas foram compostas por 94,44% de artigos científicos e apenas 5,56% de teses de mestrado ou doutorado. Representando um avanço nos estudos da Floresta Atlântica no estado da Bahia quando comparado aos dados de Caiafa & Silva (2005), que encontrou apenas 14 tabelas florísticas para o bioma no estado da Bahia, das quais nove compunham um estudo pioneiro realizado por Veloso (1946).

Embora tenha aumentado o número de estudos realizados dentro do estado, estima-se que este número seja maior, porém encontram-se na forma de dissertações e teses, e não publicados em veículos indexados (SCUDELLER & MARTINS, 2003), o que dificulta o acesso devido a distribuição mais restrita destes, tornando difícil a recuperação das informações. Esforços para publicação destes dados são necessários, para ajudar a compreender o bioma dentro do estado, bem como entender a sua biodiversidade.

De todas as tabelas compiladas apenas duas possuía todos os indivíduos identificado ao nível de espécie, o que é explicado por Caiafa & Silva (2005), que afirma que o principal entrave que limita os avanços dos estudos florísticos e fitossociológicos no Brasil é a identificação de espécies, uma vez que durante as amostragens a grande maioria dos indivíduos não se encontram em fase reprodutiva, e podem permanecer neste estado por anos, causando assim grande dificuldade em sua identificação taxonômica.

Neste estudo catalogamos 177 famílias o que representa 92% das famílias catalogadas para a Floresta Atlântica da Bahia segundo a Flora do Brasil (192 famílias), comparando com a quantidade já catalogada para toda Floresta Atlântica do Brasil este número representa 81% do total. Foram encontrados 866 gêneros neste estudo, 54% dos 1.596 ocorrentes na Floresta Atlântica do estado, e 41% dos 2.069 ocorrentes na Floresta Atlântica país. Com relação ao número total de espécie catalogadas pelos estudos analisados, o número total foi de 2.805 espécies, correspondentes a 44%

das espécies catalogadas pela Flora do Brasil para Floresta Atlântica da Bahia (6.411 espécies) e a 18% das catalogadas para Floresta Atlântica do Brasil (15.559 espécies).

Ao plotar os trabalhos compilados neste estudo no mapa do estado da Bahia, conforme figura 1, observamos uma concentração dos estudos em áreas mais adensadas de florestas, e nas áreas de transição com a Caatinga. Evidenciando que os estudos não abrangem a floresta do estado em sua totalidade, mas sim se concentram em determinadas áreas ao Nordeste e ao Sul do estado.

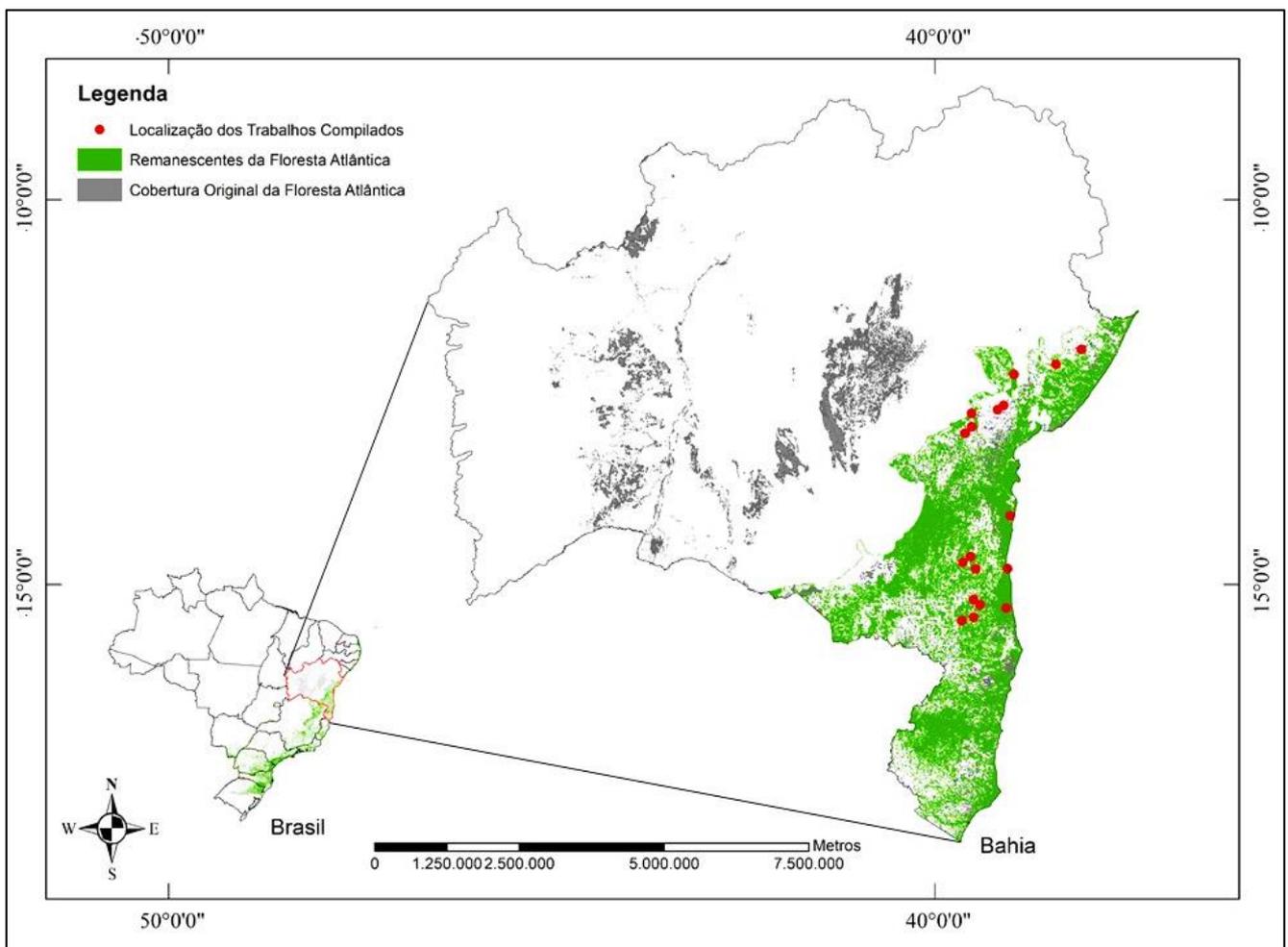


FIGURA 1. Mapa de distribuição dos 18 estudos da flora compilados neste trabalho, dentro da Floresta Atlântica do estado

TABELA 1. Lista dos 18 estudos selecionados para elaboração da base de dados sobre a Floresta Atlântica da Bahia.

ANO	AUTORES	TÍTULO	REVISTA
1946	VELOSO, H. P.	A vegetação no município de Ilhéus, Estado da Bahia: I - estudo sinecológico das áreas de pesquisas sobre a febre amarela silvestre realizado pelo S. E. P. F. A.	Memorias do Instituto Oswaldo Cruz
1993	BRITTO, I. C.; QUEIROZ, L. P.; GUEDES, M. L. S.; OLIVEIRA, N. C.; SILVA, L. B.	Flora fanerogâmica das dunas e lagoas de Abaeté, Salvador, Bahia.	Sitentibus
1996	QUEIROZ, L. P.; SENA, T. S. N.; COSTA, M. J. L.	Flora vascular da serra da jibóia, Santa Terezinha - Bahia. I: O Campo Rupestre	Sitentibus
1997	FRANÇA, F.; MELO, E.; SANTOS, C. C.	Flora de <i>Inselbergs</i> da região de Milagres, Bahia: I. Caracterização da vegetação e lista de espécies de dois <i>Inselbergs</i>	Sitentibus
2003	JARDIM, J. G.	Uma caracterização parcial da vegetação na região sul da Bahia, Brasil. In: Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Sul da Bahia	CD-Rom
2005	NETO, J. A. A. M.; SOUZA, A. L.; LANA, J. M.; VALENTE, G. E.	Composição florística, espectro biológico e fitofisionomia da vegetação de muçununga nos municípios de Caravelas e Mucuri, Bahia	Revista Árvore
2005	SOBRINHO, J.G. & QUEIROZ, L.P.	Composição florística de um fragmento de Mata Atlântica na Serra da Jibóia, Santa Terezinha, Bahia, Brasil	Sitentibus
2006	COSTA, L. C. B.; ROCHA, E. A.; SILVA, L. A. M.; JARDIM, J. G.; SILVA, D. C.; GAIÃO, L. O.; MOREIRA, R. C. T.	Levantamento preliminar das espécies vegetais com potencial econômico no Parque Municipal da Boa Esperança, Ilhéus, Bahia, Brasil	Acta Farmacéutica Bonaerense

2009	CARDOSO, D. B. O. S.; FRANÇA, F.; NOVAIS, J. S.; FERREIRA, M. H. S.; SANTOS, R. M.; CARNEIRO, V. M. S.; GONÇALVES, J. M.	Composição florística e análise fitogeográfica de uma floresta semidecídua na Bahia, Brasil.	Rodriguésia
2009	RIBEIRO-FILHO, A. A.; FUNCH, L. S.; RODAL, M. J. N.	Composição florística da floresta ciliar do Rio Mandassaia, Parque Nacional da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil	Rodriguésia
2009	THOMAS, W. W.; JARDIM, J. G.; FIASCHI, P.; NETO, E. M.; AMORIM, A. M.	Composição florística e estrutura do componente arbóreo de uma área transicional de Floresta Atlântica no sul da Bahia, Brasil	Revista Brasileira de Botânica
2010	COSTA, M. A. A.; GUEDES, M. L. S.	Levantamento florístico de dois fragmentos de Mata Atlântica nos municípios de Amargosa e Elísio Medrado, Bahia, Brasil	Sitientibus
2010	NASCIMENTO, F. H. F.; GIULIETTI, A. M.; QUEIROZ, L. P.	Diversidade arbórea das florestas alto montanas no Sul da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil	Acta Botanica Brasilica
2011	COUTO, A. P. L.; FUNCH, L. S.; CONCEIÇÃO, A. A.	Composição florística e fisionomia de floresta estacional semidecídua submontana na Chapada Diamantina, Bahia, Brasil	Rodriguésia
2012	ROCHA, D. S. B.; AMORIM, A. M. A.	Heterogeneidade altitudinal na Floresta Atlântica setentrional: um estudo de caso no sul da Bahia, Brasil	Acta Botanica Brasilica
2014	COELHO, M. M.; AMORIM, A. M.	Floristic composition of the Montane Forest in the Almadina-Barro Preto axis, Southern Bahia, Brazil	Biota Neotropica
2015	ALVES, M.; OLIVEIRA, R. B.; TEIXEIRA, S. R.; GUEDES, M. L. S.; ROQUE, N.	Levantamento florístico de um remanescente de Mata Atlântica no litoral norte do Estado da Bahia, Brasil	Hoehnea
2015	AONA, L. Y. S.; COSTA, G. M.; AMARAL, M. C. E.; FARIA, A. D.; DUARTE, E. F.; BITTRICH, V.	Aquatic and marsh plants from the Recôncavo basin of Bahia state, Brazil: checklist and life forms	Check List

Dentro dos diversos ambientes amostrados, das 27 listas florísticas 11 concentram-se em flora geral e 7 em plantas lenhosas (Tabela 2). Dos ambientes, as Florestas Estacionais e Ombrófilas foram as mais estudadas. Isso pode estar relacionado a maior facilidade de coleta em seus bosques e sub-bosques, uma vez que a coleta no dossel é mais limitada em função da altura em que se encontram as partes reprodutivas das plantas.

TABELA 2. Amostragem de estudos por tipo de vegetação dentro do domínio da Floresta Atlântica no estado da Bahia, segundo classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (2012).

Ambiente	Critério de Inclusão			Total
	Flora Geral	Lenhosas	Não Lenhosas	
Floresta Estacional Semidecidual	3	2	0	5
Floresta Ombrófila Densa	2	2	0	4
Floresta Urbana	0	1	0	1
Ecotonal	1	0	0	1
Campo de Altitude	2	1	0	3
Mangue	0	1	0	1
Inselberg	1	0	0	1
Restinga	1	0	0	1
Aquático	1	0	0	1
Total	11	7	0	18

A família com maior representatividade dentro do Domínio Atlântico no estado da Bahia foi Fabaceae com 244 espécies, seguida por Rubiaceae (146), Myrtaceae (145), Orchidaceae (149), Asteraceae (121) e Melastomataceae (104), como observado na tabela 3. Das 173 famílias apenas 56 (31,8% do total) foram representadas por mais de 10 espécies no banco de dados, o que ilustra a elevada diversidade taxonômica nestes fragmentos florestais.

Essa grande abundância da família Fabaceae pode ser explicada pela influência que a região seca compreendida pela transição com a Caatinga pode estar exercendo sobre a Floresta Atlântica do estado. Apesar de não ser o enfoque deste trabalho foi observado que Fabaceae foi também a família mais representativa justamente nos estudos que foram realizados nestas áreas de transição, e sendo esta família típica e abundante na Caatinga, o número de espécies nos estudos pode ter sido influenciado por este fator, processos que são explicados por Cardoso & Queiroz (2011).

TABELA 3. Número total de espécies identificadas para cada família botânica na Floresta Atlântica do estado da Bahia.

<b>Família</b>	<b>NE</b>	<b>Família</b>	<b>NE</b>	<b>Família</b>	<b>NE</b>	<b>Família</b>	<b>NE</b>	<b>Família</b>	<b>NE</b>	<b>Família</b>	<b>NE</b>	<b>Família</b>	<b>NE</b>
Fabaceae	244	Nyctaginaceae	25	Vochysiaceae	11	Theaceae	6	Myristicaceae	3	Amaryllidaceae	2	Thymeleaceae	1
Rubiaceae	146	Rutaceae	24	Araliaceae	10	Turneraceae	6	Oleaceae	3	Apodanthaceae	2	Tiliaceae	1
Myrtaceae	145	Salicaceae	23	Scrophulariaceae	10	Violaceae	6	Picramniaceae	3	Aristolochiaceae	2	Apiaceae	1
Orchidaceae	140	Celastraceae	22	Commelinaceae	9	Cruciferae	5	Plantaginaceae	3	Calophyllaceae	2	Viscaceae	1
Asteraceae	121	Cactaceae	20	Heliconiaceae	9	Dioscoreaceae	5	Portulacaceae	3	Calyceraceae	2	Winteraceae	1
Melastomateaceae	104	Meliaceae	20	Monimiaceae	9	Lentibulariaceae	5	Quiinaceae	3	Cannaceae	2		
Euphorbiaceae	89	Passifloraceae	19	Acanthaceae	8	Oxalidaceae	5	Rosaceae	3	Capparaceae	2		
Piperaceae	78	Polygonaceae	19	Aquifoliaceae	8	Burmanniaceae	4	Sabiaceae	3	Chenopodiaceae	2		
Bromeliaceae	75	Lythraceae	18	Phyllanthaceae	8	Burseraceae	4	Ulmaceae	3	Davalliaceae	1		
Lauraceae	72	Chrysobalanaceae	17	Phytolaccaceae	8	Campanulaceae	4	Adiantaceae	2	Dennstaedtiaceae	1		
Sapindaceae	64	Anacardiaceae	16	Primulaceae	8	Clethraceae	4	Agavaceae	2	Ericaceae	1		
Solanaceae	64	Gentianaceae	16	Santalaceae	8	Ebenaceae	4	Caryocaraceae	2	Flacourtiaceae	1		
Malvaceae	57	Polygalaceae	16	Smilacaceae	8	Icacinaceae	4	Chloranthaceae	2	Goodeniaceae	1		
Apocynaceae	50	Urticaceae	16	Vitaceae	8	Pentaphragmaceae	4	Connaraceae	2	Krameriaceae	1		
Malpighiaceae	50	Lamiaceae	15	Dichapetalaceae	7	Trigoniaceae	4	Cunoniaceae	2	Linaceae	1		
Bignoniaceae	49	Marantaceae	15	Loganiaceae	7	Velloziaceae	4	Cunoniaceae	2	Linderniaceae	1		
Poaceae	46	Achariaceae	14	Menispermaceae	7	Xyridaceae	4	Cyclanthaceae	2	Lycopodiaceae	1		
Cyperaceae	45	Gesneriaceae	14	Proteaceae	7	Brassicaceae	3	Hernandiaceae	2	Mayacaceae	1		
Araceae	43	Convolvulaceae	13	Rhamnaceae	7	Cannabaceae	3	Lacistemataceae	2	Menyanthaceae	1		
Clusiaceae	48	Begoniaceae	12	Simaroubaceae	7	Cardiopteridaceae	3	Marcgraviaceae	2	Molluginaceae	1		
Annonaceae	37	Eriocaulaceae	12	Sterculiaceae	7	Caricaceae	3	Onagraceae	2	Opiliaceae	1		
Boraginaceae	37	Lecythidaceae	12	Symplocaceae	7	Combretaceae	3	Podocarpaceae	2	Pontederiaceae	1		
Sapotaceae	34	Amaranthaceae	11	Asclepidaceae	6	Costaceae	3	Schlegeliaceae	2	Ranunculaceae	1		
Moraceae	31	Loranthaceae	11	Cyatheaceae	6	Cucurbitaceae	3	Schizeaceae	2	Schoepfiaceae	1		
Verbenaceae	29	Myrsinaceae	11	Dilleniaceae	6	Humiriaceae	3	Styracaceae	2	Selaginellaceae	1		
Erythroxylaceae	28	Ochnaceae	11	Elaeocarpaceae	6	Hypericaceae	3	Zingiberaceae	2	Siparunaceae	1		
Arecaceae	25	Olacaceae	11	Palmae	6	Iridaceae	3	Aizoaceae	2	Stylobasiaceae	1		

Foram consideradas para inclusão na tabela apenas as famílias com mais de dez espécies identificadas. NE: Número total de espécie.

Os levantamentos florísticos realizados em áreas no Domínio Atlântico no Nordeste do país (QUEIROZ et al., 2012; SILVA & MENEZES, 2012; MENDES et al., 2010; AMORIM et al., 2008; ALMEIDA JR et al., 2007), em sua maioria, também destacaram as famílias Fabaceae, Myrtaceae e Rubiaceae entre as mais representativas, resultado semelhante ao encontrado neste estudo (Tabela 4). Esta similaridade pode estar relacionada a grande diversidade de hábitos das espécies destas famílias, o que as torna susceptíveis a uma maior adaptação ambiental, e conseqüentemente uma maior dispersão.

TABELA 4. Comparação das dez famílias com maior número de espécies no presente estudo com as dez mais representativas em outros estudos para Floresta Atlântica da região Nordeste do Brasil.

<b>Presente Estudo</b>		<b>Queiroz et al. (2012)</b>		<b>Silva &amp; Menezes (2012)</b>	
Fabaceae	244	Fabaceae	48	Cyperaceae	12
Rubiaceae	146	Rubiaceae	24	Fabaceae	10
Myrtaceae	145	Cyperaceae	23	Asteraceae	7
Orchidaceae	140	Asteraceae	16	Araceae	7
Asteraceae	121	Poaceae	15	Myrtaceae	5
Melastomataceae	104	Melastomataceae	11	Rubiaceae	5
Euphorbiaceae	89	Myrtaceae	11	Arecaceae	4
Piperaceae	78	Orchidaceae	11	Clusiaceae	4
Bromeliaceae	75	Euphorbiaceae	10	Poaceae	4
Lauraceae	72	Eriocaulaceae	8	Melastomataceae	4
<b>Mendes et al. (2010)</b>		<b>Amorim et al. (2008)</b>		<b>Almeida Jr. et al. (2007)</b>	
Fabaceae	41	Fabaceae	71	Poaceae	12
Cyperaceae	40	Rubiaceae	66	Fabaceae	12
Poaceae	38	Myrtaceae	59	Cyperaceae	10
Orchidaceae	30	Bromeliaceae	40	Rubiaceae	7
Euphorbiaceae	27	Orchidaceae	38	Asteraceae	7
Rubiaceae	24	Melastomataceae	36	Myrtaceae	6
Melastomataceae	21	Euphorbiaceae	30	Euphorbiaceae	4
Bromeliaceae	20	Sapotaceae	28	Malvaceae	4
Asteraceae	19	Asteraceae	27	Verbenaceae	4
Convolvulaceae	16	Poaceae	26	Anacardiaceae	3

A riqueza das famílias mais representativas neste estudo, pode variar dentro de um certo limite em função das espécies não identificadas, que podem aumentar o número total de espécies. Como observado na tabela 5, as famílias Myrtaceae (60 registros não atribuídos no nível de espécie), Rubiaceae (33), Lauraceae (29) e Fabaceae (24) são as que apresentam maiores problemas de identificação de espécies, evidenciando a necessidade de concentração de esforços amostrais e formação de profissionais botânicos especialistas nestas famílias, tendo em vista que os botânicos generalistas estão tendo dificuldades em identifica-las.

TABELA 5 Número total de espécies não identificadas por família botânica catalogada no presente estudo para Floresta Atlântica do estado da Bahia.

<b>Família</b>	<b>NI</b>	<b>Família</b>	<b>NI</b>
Myrtaceae	60	Bignoniaceae	13
Rubiaceae	33	Malpighiaceae	13
Lauraceae	29	Piperaceae	13
Fabaceae	24	Annonaceae	10
Sapotaceae	16	Euphorbiaceae	10
Orchidaceae	15	Solanaceae	10
Sapindaceae	15		

Foram considerados para inclusão na tabela apenas os gêneros com mais de dez exemplares não identificados até o nível de espécie. NI: Número total de exemplares sem identificação.

Os gêneros mais abundantes em número de espécies (Tabela 6) são também pertencentes as famílias mais abundantes. São eles *Eugenia* Linnaeus (1753: 470-471), *Ocotea* Aublet (1775: 780–781), *Psychotria* Linnaeus (1759: 929), *Solanum* Linnaeus (1753: 184–188), *Myrcia* Candolle (1827: 406) e *Inga* Miller (1754).

Alguns destes gêneros, como *Eugenia*, *Ocotea*, *Psychotria* e *Myrcia*, são também identificados como problemáticos para identificação por Caiafa & Silva (2005) em estudo similar para Floresta Atlântica em todo território nacional, e os gêneros *Eugenia* e *Solanum* foram citados como problemáticos por Moro et al. (2014) em estudo no bioma da Caatinga. Tratando do presente estudo, observa-se que os gêneros que se destacaram como os mais problemáticos (Tabela 7), os quais os botânicos generalistas estão tendo maior dificuldade de identificar, são os gêneros: *Eugenia*,

*Ocotea*, *Myrcia* e *Pouteria*, corroborando com os resultados já citados de Caiafa & Silva (2005) e Moro et al. (2014).

Esses entraves de identificação estão associados a dificuldade de coleta de materiais com flores, frutos e sementes (em fase reprodutiva) o que é essencial para identificação exata das espécies destes gêneros. Com relação ao gênero *Ocotea*, Broto, Cervi & Santos (2013) afirmam que o principal entrave é a grande proximidade morfológica entre as espécies do gênero. No caso de *Eugenia* e *Myrcia* as dificuldades taxonômicas são inerentes à família, principalmente devido às coleções ainda pouco representativas da variabilidade e distribuição das espécies que a compõem. Para Monteiro, Neves & Andreatta (2007), o gênero *Pouteria* tem grande variabilidade vegetativa, a ausência de material com flor e fruto, a semelhança de flores e frutos, a dificuldade de coleta dos espécimes por serem árvores de grande porte, aliadas à falta de estudos taxonômicos das espécies brasileiras e de uma revisão mais atual para o gênero, representam algumas das dificuldades para quem estuda o grupo. Análises da morfologia externa mostram que ainda há necessidade de se aprofundar o estudo sobre as inflorescências de *Pouteria* como um todo, a fim de se caracterizar e descrever os tipos que ocorrem no gênero, o que será representativo para a família Sapotaceae, por se tratar do gênero com maior número de espécies. Além disso, a sexualidade das flores precisa ser melhor investigada associando-se à taxonomia aspectos da biologia reprodutiva, anatomia floral e ontogenia (MONTEIRO, NEVES & ANDREATA, 2007).

As dificuldades no uso das chaves propostas e na delimitação das espécies, um grande número de novas coleções disponíveis nos herbários nacionais, e a carência de especialistas são alguns dos fatores que indicam a necessidade de novas abordagens visando aumentar a eficiência na identificação e na catalogação da flora brasileira.

TABELA 6. Quantificação das espécies identificadas para os gêneros de plantas catalogados neste estudo para a Floresta Atlântica do estado da Bahia, Brasil.

<b>Gênero</b>	<b>NE</b>	<b>Gênero</b>	<b>NE</b>	<b>Gênero</b>	<b>NE</b>	<b>Gênero</b>	<b>NE</b>	<b>Gênero</b>	<b>NE</b>	<b>Gênero</b>	<b>NE</b>	<b>Gênero</b>	<b>NE</b>
<i>Eugenia</i>	51	<i>Microlicia</i>	14	<i>Annona</i>	9	<i>Cybianthus</i>	7	<i>Guarea</i>	6	<i>Justicia</i>	5	<i>Commelina</i>	4
<i>Ocotea</i>	45	<i>Pouteria</i>	14	<i>Cestrum</i>	9	<i>Davilla</i>	7	<i>Himatanthus</i>	6	<i>Malanea</i>	5	<i>Costus</i>	4
<i>Psychotria</i>	40	<i>Casearia</i>	13	<i>Dioclea</i>	9	<i>Dichorisandra</i>	7	<i>Hirtella</i>	6	<i>Merostachys</i>	5	<i>Curatella</i>	4
<i>Solanum</i>	39	<i>Clusia</i>	13	<i>Faramea</i>	9	<i>Geonoma</i>	7	<i>Lundia</i>	6	<i>Parodiolyra</i>	5	<i>Daphnopsis</i>	4
<i>Myrcia</i>	37	<i>Cupania</i>	13	<i>Maytenus</i>	9	<i>Handroanthus</i>	7	<i>Myrceugenia</i>	6	<i>Pleurostachys</i>	5	<i>Diospyros</i>	4
<i>Inga</i>	30	<i>Epidendrum</i>	13	<i>Myrsine</i>	9	<i>Hohenbergia</i>	7	<i>Ouratea</i>	6	<i>Plinia</i>	5	<i>Eleocharis</i>	4
<i>Miconia</i>	29	<i>Eschweilera</i>	13	<i>Phorandendron</i>	9	<i>Hyptis</i>	7	<i>Palicourea</i>	6	<i>Pseudiptadenia</i>	5	<i>Emmeorhiza</i>	4
<i>Piper</i>	23	<i>Paullinia</i>	13	<i>Serjania</i>	9	<i>Paepalanthus</i>	7	<i>Phyllanthus</i>	6	<i>Sauvagesia</i>	5	<i>Euterpe</i>	4
<i>Erythroxylum</i>	20	<i>Rudgea</i>	13	<i>Adenocalymma</i>	8	<i>Polygala</i>	7	<i>Prosthechea</i>	6	<i>Senegalia</i>	5	<i>Garcinia</i>	4
<i>Guapira</i>	20	<i>Baccharis</i>	12	<i>Andira</i>	8	<i>Psidium</i>	7	<i>Sloanea</i>	6	<i>Stachytarpheta</i>	5	<i>Gomphrena</i>	4
<i>Mikania</i>	20	<i>Begonia</i>	12	<i>Cyperus</i>	8	<i>Rhynchospora</i>	7	<i>Tovomita</i>	6	<i>Stigmaphyllon</i>	5	<i>Heisteria</i>	4
<i>Anthurium</i>	19	<i>Chamaecrista</i>	12	<i>Delachampia</i>	8	<i>Rynchospora</i>	7	<i>Albizia</i>	5	<i>Syagrus</i>	5	<i>Hieronyma</i>	4
<i>Passiflora</i>	19	<i>Mandevilla</i>	12	<i>Ilex</i>	8	<i>Scheffera</i>	7	<i>Amaioua</i>	5	<i>Tillandsia</i>	5	<i>Ipomoea</i>	4
<i>Coccoloba</i>	18	<i>Marlierea</i>	12	<i>Mollinedia</i>	8	<i>Struthanthus</i>	7	<i>Anemia</i>	5	<i>Trigonia</i>	5	<i>Jacaranda</i>	4
<i>Cordia</i>	18	<i>Pavonia</i>	12	<i>Panicum</i>	8	<i>Symplocos</i>	7	<i>Anemopaegma</i>	5	<i>Achyrocline</i>	4	<i>Jacquemontia</i>	4
<i>Peperomia</i>	18	<i>Ruellia</i>	12	<i>Paspalum</i>	8	<i>Tabebuia</i>	7	<i>Aspidosperma</i>	5	<i>Alseis</i>	4	<i>Lasiacis</i>	4
<i>Lantana</i>	17	<i>Allophylus</i>	11	<i>Randia</i>	8	<i>Thinouia</i>	7	<i>Attalea</i>	5	<i>Aphelandra</i>	4	<i>Lepidaploa</i>	4
<i>Senna</i>	17	<i>Guatteria</i>	11	<i>Rhipsalis</i>	8	<i>Tournefortia</i>	7	<i>Bathysa</i>	5	<i>Aureliana</i>	4	<i>Leucothoe</i>	4
<i>Vriesea</i>	17	<i>Heteropterys</i>	11	<i>Sida</i>	8	<i>Vochysia</i>	7	<i>Becquerelia</i>	5	<i>Banisteriopsis</i>	4	<i>Licania</i>	4
<i>Byrsonima</i>	16	<i>Ichnanthus</i>	11	<i>Smilax</i>	8	<i>Aspilia</i>	6	<i>Borreria</i>	5	<i>Capsicum</i>	4	<i>Macrolobium</i>	4
<i>Croton</i>	16	<i>Trichilia</i>	11	<i>Tapirira</i>	8	<i>Bertolonia</i>	6	<i>Cardia</i>	5	<i>Celtis</i>	4	<i>Matayba</i>	4
<i>Philodendron</i>	16	<i>Cuphea</i>	10	<i>Tibouchina</i>	8	<i>Billbergia</i>	6	<i>Carpotroche</i>	5	<i>Cheiloclinium</i>	4	<i>Mitracarpus</i>	4
<i>Casearia</i>	15	<i>Dioscorea</i>	10	<i>Vanilla</i>	8	<i>Calathea</i>	6	<i>Clidemia</i>	5	<i>Chiococca</i>	4	<i>Ossaea</i>	4
<i>Ficus</i>	15	<i>Heliconia</i>	10	<i>Vismia</i>	8	<i>Cissus</i>	6	<i>Coccocypselum</i>	5	<i>Chrysophyllum</i>	4	<i>Pilocarpus</i>	4
<i>Aechmea</i>	14	<i>Mimosa</i>	10	<i>Bactris</i>	7	<i>Cyathea</i>	6	<i>Coussarea</i>	5	<i>Chusquea</i>	4	<i>Piptadenia</i>	4
<i>Leandra</i>	14	<i>Swartzia</i>	10	<i>Bauhinia</i>	7	<i>Dalbergia</i>	6	<i>Erechtites</i>	5	<i>Clethra</i>	4	<i>Pourouma</i>	4
<i>Machaeirum</i>	14	<i>Vernonia</i>	10	<i>Cecropia</i>	7	<i>Eriotheca</i>	6	<i>Esenbeckia</i>	5	<i>Codonanthe</i>	4	<i>Rouwolfia</i>	4

NE: Número total de espécie.

Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE
<i>Scleria</i>	4	<i>Asplundia</i>	3	<i>Cyrtopodium</i>	3	<i>Malaxillaria</i>	3	<i>Rhynchosia</i>	3	<i>Acritopappus</i>	2	<i>Caryocar</i>	2
<i>Scoparia</i>	4	<i>Banara</i>	3	<i>Dalechampia</i>	3	<i>Marcetia</i>	3	<i>Roupala</i>	3	<i>Ageratum</i>	2	<i>Cassytha</i>	2
<i>Simaba</i>	4	<i>Bernardia</i>	3	<i>Dendropanax</i>	3	<i>Mariscus</i>	3	<i>Schoepfia</i>	3	<i>Aiouea</i>	2	<i>Catasetum</i>	2
<i>Sorocea</i>	4	<i>Bowdichia</i>	3	<i>Desmodium</i>	3	<i>Margaritaria</i>	3	<i>Securidaca</i>	3	<i>Alatiglossum</i>	2	<i>Ceiba</i>	2
<i>Spigelia</i>	4	<i>Brunfelsia</i>	3	<i>Desmoncus</i>	3	<i>Margaritopsis</i>	3	<i>Setaria</i>	3	<i>Albertinia</i>	2	<i>Centratherum</i>	2
<i>Stelis</i>	4	<i>Cabralea</i>	3	<i>Dictyoloma</i>	3	<i>Meliosma</i>	3	<i>Sinningia</i>	3	<i>Anacardium</i>	2	<i>Chelonanthus</i>	2
<i>Stromanthe</i>	4	<i>Calycorectes</i>	3	<i>Diplopterys</i>	3	<i>Melochia</i>	3	<i>Sobralia</i>	3	<i>Andropogon</i>	2	<i>Cinnamomum</i>	2
<i>Tabernaemontana</i>	4	<i>Campomanesia</i>	3	<i>Dorstenia</i>	3	<i>Micropholis</i>	3	<i>Sterculia</i>	3	<i>Aniba</i>	2	<i>Conchocarpus</i>	2
<i>Tragia</i>	4	<i>Campylolocentrum</i>	3	<i>Duguetia</i>	3	<i>Neea</i>	3	<i>Strychnos</i>	3	<i>Anomospermum</i>	2	<i>Coppensia</i>	2
<i>Turnera</i>	4	<i>Canavalia</i>	3	<i>Elleanthus</i>	3	<i>Nematanthus</i>	3	<i>Stryphnodendron</i>	3	<i>Apuleia</i>	2	<i>Cordia</i>	2
<i>Unonopsis</i>	4	<i>canistrum</i>	3	<i>Fridericia</i>	3	<i>Nidularium</i>	3	<i>Stylosanthes</i>	3	<i>Arrabidae</i>	2	<i>Cyrtocymura</i>	2
<i>Voyria</i>	4	<i>Capparis</i>	3	<i>Gomidesia</i>	3	<i>Octomeria</i>	3	<i>Syngonanthus</i>	3	<i>Aspidogyne</i>	2	<i>Denscandia</i>	2
<i>Waltheria</i>	4	<i>Cattleya</i>	3	<i>Goniorrhachis</i>	3	<i>Olyra</i>	3	<i>Tachigali</i>	3	<i>Bacopa</i>	2	<i>Diodia</i>	2
<i>Xylopa</i>	4	<i>Cayaponia</i>	3	<i>Guettarda</i>	3	<i>Oncidium</i>	3	<i>Talisia</i>	3	<i>Blanchetia</i>	2	<i>Elephantopus</i>	2
<i>Xyris</i>	4	<i>Centrolobium</i>	3	<i>Gurania</i>	3	<i>Ormosia</i>	3	<i>Ternstroemia</i>	3	<i>Blepharocalyx</i>	2	<i>Encyclia</i>	2
<i>Acanthospermum</i>	3	<i>Centropogon</i>	3	<i>Helicostylis</i>	3	<i>Oxalis</i>	3	<i>Utricularia</i>	3	<i>Blepharodon</i>	2	<i>Epiphyllum</i>	2
<i>Achetaria</i>	3	<i>Centrosema</i>	3	<i>Helicteres</i>	3	<i>Parapiptadenia</i>	3	<i>Vellozia</i>	3	<i>Bonnetia</i>	2	<i>Epistephium</i>	2
<i>Acianthera</i>	3	<i>Cereus</i>	3	<i>Heliotropium</i>	3	<i>Pera</i>	3	<i>Verbesina</i>	3	<i>Brassavola</i>	2	<i>Eremocaulon</i>	2
<i>Actinostemon</i>	3	<i>Chamaesyce</i>	3	<i>Herreria</i>	3	<i>Persea</i>	3	<i>Virola</i>	3	<i>Bredemeyera</i>	2	<i>Euphorbia</i>	2
<i>Aegiphila</i>	3	<i>Chionanthus</i>	3	<i>Irlbachia</i>	3	<i>Phanera</i>	3	<i>Xylobium</i>	3	<i>Bulbophy</i>	2	<i>Euplassa</i>	2
<i>Alchornea</i>	3	<i>chondrodendron</i>	3	<i>Ixora</i>	3	<i>Picramnia</i>	3	<i>Zanthoxylum</i>	3	<i>Burmannia</i>	2	<i>Evodianthus</i>	2
<i>Alibertia</i>	3	<i>Citronella</i>	3	<i>Jacaratia</i>	3	<i>Pilea</i>	3	<i>Zornia</i>	3	<i>Calea</i>	2	<i>Evolvulus</i>	2
<i>Allagoptera</i>	3	<i>Cnidoscopus</i>	3	<i>Kielmeyera</i>	3	<i>Piptocarpha</i>	3	<i>Abarema</i>	2	<i>Calycolpus</i>	2	<i>Exostyles</i>	2
<i>Alternanthera</i>	3	<i>Conocliniopsis</i>	3	<i>Killinga</i>	3	<i>Portea</i>	3	<i>Aborema</i>	2	<i>Calyptanthes</i>	2	<i>Ferdinandusa</i>	2
<i>Amphilophium</i>	3	<i>Couepia</i>	3	<i>Lacmellea</i>	3	<i>Posoqueria</i>	3	<i>Abutilon</i>	2	<i>Camaridium</i>	2	<i>Fimbristylis</i>	2
<i>Anadenanthera</i>	3	<i>Coutarea</i>	3	<i>Lamanonia</i>	3	<i>Protium</i>	3	<i>Acacia</i>	2	<i>Cannarus</i>	2	<i>Gomesa</i>	2
<i>Aparisthmium</i>	3	<i>Crotalaria</i>	3	<i>Lecythis</i>	3	<i>Raulvolfia</i>	3	<i>Acalypha</i>	2	<i>Cardiera</i>	2	<i>Graffenrieda</i>	2

Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE
<i>Guzmania</i>	2	<i>Maprounea</i>	2	<i>Polystachya</i>	2	<i>Simarouba</i>	2	<i>Affonsea</i>	1	<i>Ayenia</i>	1	<i>Calopogonium</i>	1
<i>Habenaria</i>	2	<i>Maranta</i>	2	<i>Pradosia</i>	2	<i>Sparattanthelium</i>	2	<i>Agonandra</i>	1	<i>Bahianthus</i>	1	<i>Calyptocarpus</i>	1
<i>Hancornia</i>	2	<i>Melinis</i>	2	<i>Prestonia</i>	2	<i>Stephanopodium</i>	2	<i>Aloysia</i>	1	<i>Bahiella</i>	1	<i>Canna</i>	1
<i>Hedyosmum</i>	2	<i>Merremia</i>	2	<i>Prunus</i>	2	<i>Styrax</i>	2	<i>Alsophila</i>	1	<i>Baptistonia</i>	1	<i>Copaifera</i>	1
<i>Henriettea</i>	2	<i>Microchilus</i>	2	<i>Pseudoacanthocereus</i>	2	<i>Tetracera</i>	2	<i>Alvimia</i>	1	<i>Barbacenia</i>	1	<i>Carapichea</i>	1
<i>Hiraea</i>	2	<i>Microlicia</i>	2	<i>Pseudobombax</i>	2	<i>Tetrastylidium</i>	2	<i>Amaranthus</i>	1	<i>Barrosoa</i>	1	<i>Cariniana</i>	1
<i>Holopyxidium</i>	2	<i>Microtea</i>	2	<i>Psittacanthus</i>	2	<i>Tetrapteryx</i>	2	<i>Amorinia</i>	1	<i>Besleria</i>	1	<i>Castus</i>	1
<i>Huberia</i>	2	<i>Monostera</i>	2	<i>Pterolepis</i>	2	<i>Tilesia</i>	2	<i>Anathallis</i>	1	<i>Bidens</i>	1	<i>Cavanillesia</i>	1
<i>Hybanthus</i>	2	<i>Monotagma</i>	2	<i>Qualea</i>	2	<i>Tontelea</i>	2	<i>Anchietea</i>	1	<i>Bifrenariaa</i>	1	<i>Cenchrus</i>	1
<i>Hypolytrum</i>	2	<i>Myrciaria</i>	2	<i>Quararibea</i>	2	<i>Trema</i>	2	<i>Angelonia</i>	1	<i>Bignonia</i>	1	<i>Chaetothylax</i>	1
<i>Indigofera</i>	2	<i>Myrocarpus</i>	2	<i>Rapanea</i>	2	<i>Urera</i>	2	<i>Anisantherina</i>	1	<i>Blainvillea</i>	1	<i>Chamaecostus</i>	1
<i>Jacquiiniella</i>	2	<i>Nectandra</i>	2	<i>Rhamnus</i>	2	<i>Varronia</i>	2	<i>Anisomeris</i>	1	<i>Blutaparon</i>	1	<i>Chaptalia</i>	1
<i>Julocroton</i>	2	<i>Neomarica</i>	2	<i>Rhodospatha</i>	2	<i>Vernonanthura</i>	2	<i>Anthodon</i>	1	<i>Bocoa</i>	1	<i>Chenopodium</i>	1
<i>Koellensteinia</i>	2	<i>Neoregelia</i>	2	<i>Rinorea</i>	2	<i>Vernonanthura</i>	2	<i>Aosa</i>	1	<i>Boerhavia</i>	1	<i>Chloris</i>	1
<i>Krameria</i>	2	<i>Notopleura</i>	2	<i>Rivina</i>	2	<i>Vitex</i>	2	<i>Arapatiella</i>	1	<i>Bomarea</i>	1	<i>Chloroleucon</i>	1
<i>Lacistema</i>	2	<i>Oeceoclades</i>	2	<i>Sabicea</i>	2	<i>Wulffia</i>	2	<i>Arberella</i>	1	<i>Brasilaelia</i>	1	<i>Chomelia</i>	1
<i>Lacunaria</i>	2	<i>Oxandra</i>	2	<i>Sacoila</i>	2	<i>Xylosma</i>	2	<i>Apodanthes</i>	1	<i>Brasiliopuntia</i>	1	<i>Cryptocarya</i>	1
<i>Laportea</i>	2	<i>Oxypetalum</i>	2	<i>Salacia</i>	2	<i>Zollernia</i>	2	<i>Aralia</i>	1	<i>Brassia</i>	1	<i>Chrysobalanus</i>	1
<i>Laretia</i>	2	<i>Pabstiella</i>	2	<i>Salzmannia</i>	2	<i>Zygopetalum</i>	2	<i>Araecoccus</i>	1	<i>Bromelia</i>	1	<i>Clarisia</i>	1
<i>Leptoscela</i>	2	<i>Pachyra</i>	2	<i>Sapium</i>	2	<i>Abildgaardia</i>	1	<i>Aristolochia</i>	1	<i>Brosimum</i>	1	<i>Clematis</i>	1
<i>Leretia</i>	2	<i>Peltaea</i>	2	<i>Scaphyglottis</i>	2	<i>Abrus</i>	1	<i>Asemeia</i>	1	<i>Buchenavia</i>	1	<i>Cleome</i>	1
<i>Licaria</i>	2	<i>Peltastes</i>	2	<i>Schinus</i>	2	<i>Acicarpha</i>	1	<i>Asterostigma</i>	1	<i>Bulbostylis</i>	1	<i>Clystostoma</i>	1
<i>Lippia</i>	2	<i>Peschiera</i>	2	<i>Schlegelia</i>	2	<i>Acisanthera</i>	1	<i>Astraea</i>	1	<i>Byrconima</i>	1	<i>Columnea</i>	1
<i>Luehea</i>	2	<i>Pimenta</i>	2	<i>Schradera</i>	2	<i>Acnistus</i>	1	<i>Astrocasia</i>	1	<i>Caladium</i>	1	<i>Combretum</i>	1
<i>Mabea</i>	2	<i>Pleurothallis</i>	2	<i>Schwenkia</i>	2	<i>Acosmium</i>	1	<i>Atractantha</i>	1	<i>Calliandra</i>	1	<i>Comolia</i>	1
<i>Macrocarpaea</i>	2	<i>Poecilanthe</i>	2	<i>Sebastiania</i>	2	<i>Adiantum</i>	1	<i>Averrhoidium</i>	1	<i>Callichlamys</i>	1	<i>Connarus</i>	1
<i>Manettia</i>	2	<i>pogonaphora</i>	2	<i>Sesuvium</i>	2	<i>Aeschynomene</i>	1	<i>Axonopus</i>	1	<i>Callisia</i>	1	<i>Conostegia</i>	1

Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE
<i>Copaifera</i>	1	<i>Ecclinusa</i>	1	<i>Gordonia</i>	1	<i>Laplacea</i>	1	<i>Melocactus</i>	1	<i>Ophthalmoblapton</i>	1	<i>Pistia</i>	1
<i>Cordia</i>	1	<i>Eclipta</i>	1	<i>Gouania</i>	1	<i>Leiostrix</i>	1	<i>Melothria</i>	1	<i>Orthosia</i>	1	<i>Pitcaimia</i>	1
<i>Coryanthes</i>	1	<i>Eichornia</i>	1	<i>Guadua</i>	1	<i>Leonotis</i>	1	<i>Memora</i>	1	<i>Pagamea</i>	1	<i>Pithecellobium</i>	1
<i>Coutoubea</i>	1	<i>Emilia</i>	1	<i>Guarania</i>	1	<i>Lepismium</i>	1	<i>Mendoncia</i>	1	<i>Paliavana</i>	1	<i>Plathymenia</i>	1
<i>Crataeva</i>	1	<i>Emmotum</i>	1	<i>Guazuma</i>	1	<i>Leptotes</i>	1	<i>Meriania</i>	1	<i>Panopsis</i>	1	<i>Platycyamus</i>	1
<i>Crepidospermum</i>	1	<i>Eplingiella</i>	1	<i>gymnosiphon</i>	1	<i>Ligodium</i>	1	<i>Metrodorea</i>	1	<i>Piptadenia</i>	1	<i>Platymiscium</i>	1
<i>Cryptangium</i>	1	<i>Eragrostis</i>	1	<i>Hatiora</i>	1	<i>Limnanthemum</i>	1	<i>Microstachys</i>	1	<i>Pappohorum</i>	1	<i>Platypodanthera</i>	1
<i>Cryptanthus</i>	1	<i>Eremanthus</i>	1	<i>Hemidiodia</i>	1	<i>Liparis</i>	1	<i>Miersiella</i>	1	<i>Paria</i>	1	<i>Platystele</i>	1
<i>Cubitanthus</i>	1	<i>Eriope</i>	1	<i>Heterocondylus</i>	1	<i>Lisianthus</i>	1	<i>Moldenhawera</i>	1	<i>Paralychnophora</i>	1	<i>Pleiochiton</i>	1
<i>Curarea</i>	1	<i>Erythrina</i>	1	<i>Heteropsis</i>	1	<i>Lobelia</i>	1	<i>Mollugo</i>	1	<i>Pausandra</i>	1	<i>Plenckia</i>	1
<i>Cyathula</i>	1	<i>Erythrodes</i>	1	<i>Heterotaxis</i>	1	<i>Lockhartia</i>	1	<i>montrichardia</i>	1	<i>Peltogyne</i>	1	<i>Pleonotoma</i>	1
<i>Dactylaena</i>	1	<i>Eschwwilera</i>	1	<i>Hillia</i>	1	<i>Lonchocarpus</i>	1	<i>Moquiniastrum</i>	1	<i>Peltophorum</i>	1	<i>Pleurisanthes</i>	1
<i>Dasyphyllum</i>	1	<i>Esterhazia</i>	1	<i>Hippeastrum</i>	1	<i>Ludwigia</i>	1	<i>Mourera</i>	1	<i>Pennisetum</i>	1	<i>Podocarpus</i>	1
<i>Delilea</i>	1	<i>Fevillea</i>	1	<i>Hippocratea</i>	1	<i>Lymania</i>	1	<i>Mouriri</i>	1	<i>Perama</i>	1	<i>Poincianella</i>	1
<i>Diacranthera</i>	1	<i>Fleurya</i>	1	<i>Houletia</i>	1	<i>Maclura</i>	1	<i>Myoxanthus</i>	1	<i>Periandra</i>	1	<i>Polypodium</i>	1
<i>Dicella</i>	1	<i>Forsteronia</i>	1	<i>Humiria</i>	1	<i>Macrophepus</i>	1	<i>Myracrodruon</i>	1	<i>Peritassa</i>	1	<i>Polycycnis</i>	1
<i>Dichaea</i>	1	<i>Froelichia</i>	1	<i>Huntleya</i>	1	<i>Malachra</i>	1	<i>Myrtaceae</i>	1	<i>Petiveria</i>	1	<i>Portulaca</i>	1
<i>Dichantherium</i>	1	<i>Fuchsia</i>	1	<i>Huperzia</i>	1	<i>Malaxilariella</i>	1	<i>Neoraputia</i>	1	<i>Pharus</i>	1	<i>Potulaca</i>	1
<i>Dicliptera</i>	1	<i>Galipea</i>	1	<i>Hydrocotyle</i>	1	<i>Malaxis</i>	1	<i>Nephrolepsis</i>	1	<i>Phryganocydia</i>	1	<i>Praxelis</i>	1
<i>Digitaria</i>	1	<i>Gallesia</i>	1	<i>Hidrogaster</i>	1	<i>Malovetia</i>	1	<i>Nepsera</i>	1	<i>Phthirusa</i>	1	<i>Prescottia</i>	1
<i>Diploon</i>	1	<i>Galphimia</i>	1	<i>Hylocereus</i>	1	<i>Manilkara</i>	1	<i>Niedenzuella</i>	1	<i>Phylyra</i>	1	<i>Pristimera</i>	1
<i>Disciphania</i>	1	<i>Gaylussacia</i>	1	<i>Hymenolobium</i>	1	<i>Mapouria</i>	1	<i>Nitidobulbon</i>	1	<i>Phytolacca</i>	1	<i>Priva</i>	1
<i>Ditassa</i>	1	<i>Genipa</i>	1	<i>Hypenia</i>	1	<i>marcgravia</i>	1	<i>Noisettia</i>	1	<i>Phytolaccaceae</i>	1	<i>Prockia</i>	1
<i>Doliocarpus</i>	1	<i>Genlisea</i>	1	<i>Imperata</i>	1	<i>Marsdenia</i>	1	<i>Notylia</i>	1	<i>Picramnia</i>	1	<i>Prolobus</i>	1
<i>Dombeya</i>	1	<i>Ghinia</i>	1	<i>Isochilus</i>	1	<i>Marsipianthes</i>	1	<i>Ocellochloa</i>	1	<i>Pilosocereus</i>	1	<i>Promenaea</i>	1
<i>Drimys</i>	1	<i>Glycydendron</i>	1	<i>Koanophyllon</i>	1	<i>Mayaca</i>	1	<i>Ocimum</i>	1	<i>Piriqueta</i>	1	<i>Prosopis</i>	1
<i>Dyssochroma</i>	1	<i>Gochnatia</i>	1	<i>Lagenocarpus</i>	1	<i>Melicoccus</i>	1	<i>Omithidium</i>	1	<i>Pisonia</i>	1	<i>Pseudomallachara</i>	1

Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE
<i>Pseudechinolaena</i>	1	<i>Schaueria</i>	1	<i>Stizophyllum</i>	1	<i>Vantanea</i>	1
<i>Pseuderanthemum</i>	1	<i>Schilachyrium</i>	1	<i>Streptochaeta</i>	1	<i>Vataireopsis</i>	1
<i>Psilochilus</i>	1	<i>Schinopsis</i>	1	<i>Suriana</i>	1	<i>Vigia</i>	1
<i>Pteridium</i>	1	<i>Schizachyrium</i>	1	<i>Symphonia</i>	1	<i>Vigna</i>	1
<i>Pteris</i>	1	<i>Schizolobium</i>	1	<i>Symphopappus</i>	1	<i>Wedelia</i>	1
<i>Pterocaulon</i>	1	<i>Schultesia</i>	1	<i>Synedrella</i>	1	<i>Weinmannia</i>	1
<i>Pycreus</i>	1	<i>Schwartzia</i>	1	<i>Syngonium</i>	1	<i>Wissadula</i>	1
<i>Quiina</i>	1	<i>Scuticaria</i>	1	<i>Syphoneugena</i>	1	<i>Xanthosoma</i>	1
<i>Racinaea</i>	1	<i>Selaginella</i>	1	<i>Talinum</i>	1	<i>Ximenia</i>	1
<i>Reissekia</i>	1	<i>Selenipedilum</i>	1	<i>Tanaecium</i>	1	<i>Ziziphus</i>	1
<i>Renealmia</i>	1	<i>Senefeldera</i>	1	<i>Temnadenia</i>	1		
<i>Rhetinantha</i>	1	<i>Setigera</i>	1	<i>Terminalia</i>	1		
<i>Rhodostemonodaphne</i>	1	<i>Simira</i>	1	<i>Tetrorchidium</i>	1		
<i>Rhynchelytrum</i>	1	<i>Siparuna</i>	1	<i>Thimbergia</i>	1		
<i>Richandia</i>	1	<i>Siphoneugena</i>	1	<i>Thoracocarpus</i>	1		
<i>Rodriguezia</i>	1	<i>Solidago</i>	1	<i>Thyrsodium</i>	1		
<i>Rolandra</i>	1	<i>Sophora</i>	1	<i>Tocoyena</i>	1		
<i>Rollinia</i>	1	<i>Sparattosperma</i>	1	<i>Tonina</i>	1		
<i>Ronabea</i>	1	<i>Spathicarpa</i>	1	<i>Trachypogon</i>	1		
<i>Ronnbergia</i>	1	<i>Specklinia</i>	1	<i>Trachypogon</i>	1		
<i>Roucheria</i>	1	<i>Spondias</i>	1	<i>Trichocentrum</i>	1		
<i>Rourea</i>	1	<i>Sporobolus</i>	1	<i>Tridax</i>	1		
<i>Rubus</i>	1	<i>Staelia</i>	1	<i>Trimezia</i>	1		
<i>Ruprechtia</i>	1	<i>Stemodia</i>	1	<i>Triumfetta</i>	1		
<i>Sacoglottis</i>	1	<i>Stenospermation</i>	1	<i>Triumphetta</i>	1		
<i>Savia</i>	1	<i>Stigmatosema</i>	1	<i>Trixis</i>	1		
<i>Scaevola</i>	1	<i>Stilpnopappus</i>	1	<i>Urena</i>	1		

NE: Número total de espécie.

TABELA 7. Quantificação das espécies não identificadas para os gêneros de plantas catalogados neste estudo para a Floresta Atlântica do estado da Bahia.

Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Gênero	NE	Família	NE
<i>Eugenia</i>	34	<i>Casearia</i>	2	<i>Bacopa</i>	1	<i>Dendropanax</i>	1	<i>Lamanonia</i>	1	<i>Peperomia</i>	1	<i>Syngonanthus</i>	1
<i>Ocotea</i>	13	<i>Chaetothylax</i>	2	<i>Bactris</i>	1	<i>Dichorisandra</i>	1	<i>Leiothrix</i>	1	<i>Pera</i>	1	<i>Syphoneugena</i>	1
<i>Myrcia</i>	8	<i>Couepia</i>	2	<i>Banara</i>	1	<i>Dioclea</i>	1	<i>Leptotes</i>	1	<i>Pilocarpus</i>	1	<i>Tabebuia</i>	1
<i>Pouteria</i>	8	<i>Dioscorea</i>	2	<i>Banisteriopsis</i>	1	<i>Dombeya</i>	1	<i>Leretia</i>	1	<i>Piper</i>	1	<i>Talisia</i>	1
<i>Rudgea</i>	5	<i>Duguetia</i>	2	<i>Begonia</i>	1	<i>Drypetes</i>	1	<i>Licania</i>	1	<i>Piptocarpha</i>	1	<i>Terminalia</i>	1
<i>Solanum</i>	5	<i>Eremanthus</i>	2	<i>Bertolonia</i>	1	<i>Eriotheca</i>	1	<i>Lippia</i>	1	<i>Pleurisanthes</i>	1	<i>Ternstroemia</i>	1
<i>Trichilia</i>	5	<i>Herbenaria</i>	2	<i>Buchenavia</i>	1	<i>Euplassa</i>	1	<i>Marsdenia</i>	1	<i>Plinia</i>	1	<i>Tetracera</i>	1
<i>Cordia</i>	4	<i>Julocroton</i>	2	<i>Calycorectes</i>	1	<i>Evolvulus</i>	1	<i>Matayba</i>	1	<i>Portulaca</i>	1	<i>Tetrapteryx</i>	1
<i>Erythroxylum</i>	4	<i>Malanea</i>	2	<i>Carpotroche</i>	1	<i>Faramea</i>	1	<i>Maytenus</i>	1	<i>Protium</i>	1	<i>Tournefortia</i>	1
<i>Machaerium</i>	4	<i>Mendoncia</i>	2	<i>Chionanthus</i>	1	<i>Fevillea</i>	1	<i>Melicoccus</i>	1	<i>Pseudobombax</i>	1	<i>Unonopsis</i>	1
<i>Marlierea</i>	4	<i>Myrceugenia</i>	2	<i>Chloris</i>	1	<i>Ficus</i>	1	<i>Meliosma</i>	1	<i>Pseudomallachara</i>	1	<i>Utricularia</i>	1
<i>Andira</i>	3	<i>Oxypetalum</i>	2	<i>Chrysophyllum</i>	1	<i>Fleurya</i>	1	<i>Miconia</i>	1	<i>Psittacanthus</i>	1	<i>Vellozia</i>	1
<i>Bauhinia</i>	3	<i>Psidium</i>	2	<i>Cissus</i>	1	<i>Fridericia</i>	1	<i>Myrciaria</i>	1	<i>Qualea</i>	1	<i>Zollernia</i>	1
<i>Byrsonima</i>	3	<i>Roupala</i>	2	<i>Cleome</i>	1	<i>Gomidesia</i>	1	<i>Myrsine</i>	1	<i>Rauwolfia</i>	1		
<i>Calyptanthus</i>	3	<i>Sauvagesia</i>	2	<i>Clethra</i>	1	<i>Gurania</i>	1	<i>Nectandra</i>	1	<i>Rollinia</i>	1		
<i>Cestrum</i>	3	<i>Securidaca</i>	2	<i>Clidemia</i>	1	<i>Habenaria</i>	1	<i>Neomarica</i>	1	<i>Ruprechtia</i>	1		
<i>Coccoloba</i>	3	<i>Smilax</i>	2	<i>Coccocypselum</i>	1	<i>Handroanthus</i>	1	<i>Neoraputia</i>	1	<i>Sapium</i>	1		
<i>Guatteria</i>	3	<i>Strutanthus</i>	2	<i>Commelina</i>	1	<i>Heisteria</i>	1	<i>Notylia</i>	1	<i>Schefflera</i>	1		
<i>Inga</i>	3	<i>Styrax</i>	2	<i>Cordieria</i>	1	<i>Heteropteris</i>	1	<i>Octomeria</i>	1	<i>Selenipedilum</i>	1		
<i>Mikania</i>	3	<i>Aegiphila</i>	1	<i>Costus</i>	1	<i>Hiraea</i>	1	<i>Ouratea</i>	1	<i>Senegalia</i>	1		
<i>Piptadenia</i>	3	<i>Amaioua</i>	1	<i>Croton</i>	1	<i>Hymenaea</i>	1	<i>Paepalanthus</i>	1	<i>Senna</i>	1		
<i>Randia</i>	3	<i>Anemopaegma</i>	1	<i>Cryptanthus</i>	1	<i>Ichnanthus</i>	1	<i>Palicourea</i>	1	<i>Serjania</i>	1		
<i>Tovomita</i>	3	<i>Aniba</i>	1	<i>Cupania</i>	1	<i>Ipomoea</i>	1	<i>Pappohorum</i>	1	<i>Setaria</i>	1		
<i>Adenocalymma</i>	2	<i>Arceuthobium</i>	1	<i>Cybianthus</i>	1	<i>Irlbachia</i>	1	<i>Parapiptadenia</i>	1	<i>Setigera</i>	1		
<i>Alibertia</i>	2	<i>Aspidosperma</i>	1	<i>Dalbergia</i>	1	<i>Ixora</i>	1	<i>Passiflora</i>	1	<i>Simaba</i>	1		
<i>Allophylus</i>	2	<i>Asplundia</i>	1	<i>Davilla</i>	1	<i>Jacquemontia</i>	1	<i>Paullinia</i>	1	<i>Sloanea</i>	1		
<i>Calathea</i>	2	<i>Axonopus</i>	1	<i>Dalechampia</i>	1	<i>Jacquiella</i>	1	<i>Pennisetum</i>	1	<i>Staelia</i>	1		

Foram considerados para inclusão na tabela apenas os gêneros com pelo menos um exemplar não identificado até o nível de espécie.

NE: Número de exemplares não identificados.

## CONCLUSÕES

- As famílias mais representativas na Floresta Atlântica da Bahia foram: Fabaceae, Rubiaceae e Myrtaceae;
- Os gêneros mais representativos foram: *Eugenia*, *Ocotea* e *Psychotria*;
- É essencial maiores estudos das famílias Myrtaceae, Rubiaceae, Lauraceae e Fabaceae, e dos gêneros *Eugenia*, *Ocotea*, *Myrcia* e *Pouteria*. Visto que estes tiveram o maior número de espécies não identificadas;
- As famílias catalogadas representam 92% das famílias da Floresta Atlântica da Bahia (192 famílias). Os 866 gêneros encontrados neste estudo correspondem a 54% dos 1.596 ocorrentes na Floresta Atlântica do estado;
- A Floresta Atlântica do estado ainda não é bem representada pelos trabalhos já existentes devido a concentração dos estudos em áreas específicas;
- Os estudos florísticos na Floresta Atlântica do estado da Bahia ainda são um tanto quanto incipientes, devido a desafios como a complexidade, o alto custo e o tempo demandado pelos inventários.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Araquém. **Mata Atlântica**. São Paulo: Terrabrasil, 2008.
- ALMEIDA JR., E. B.; PIMENTEL, R. M. M.; ZICKEL, C. S. Flora e formas de vida em uma área de restinga no Litoral Norte de Pernambuco, Brasil. **Revista de Geografia**, v.24, p.19-34, 2007.
- ÁLVAREZ-PRESAS, M.; SÁNCHEZ-GRACIA, A.; CARBAYO, F.; ROZAS, J.; RIUTORT, M. Insights into the origin and distribution of biodiversity in the Brazilian Atlantic forest hot spot: a statistical phylogeographic study using a low-dispersal organism. **Heredity**, v. 112, n. 6, p. 656–665, 2014.
- ALVES, R. J. V.; CARDIN, L.; KROPF, M. S. Angiosperm disjunction “campos rupestres – restingas”: a re-evaluation. **Acta Botanica Brasilica**, v. 21, p. 675-685, 2007.
- AMORIM, A. M.; THOMAS, W. W.; CARVALHO, A. M. V.; JARDIM, J. G. Floristics of the Una Biological Reserve, Bahia, Brazil. In: W.W. Thomas (ed.). *The Atlantic Coastal Forest of Northeastern Brazil*. **Memoirs of The New York Botanical Garden**, New York, pp. 67-146, 2008.
- ANDRADE, E. R.; JARDIM, J. G.; SANTOS, B. A.; MELO, F. P. L.; TALORA, D. C.; FARIA, D.; CAZETTA, E. Effects of habitat loss on taxonomic and phylogenetic diversity of understory Rubiaceae in Atlantic forest landscapes. **Forest Ecology and Management**, v. 349, p. 73–84, 2015.
- ARROYO-RODRÍGUEZ, V.; RÖS, M.; ESCOBAR, F.; MELO, F. P.; SANTOS, B. A.; TABARELLI, M.; CHAZDON, R. Plant b-diversity in fragmented rain forests: testing floristic homogenization and differentiation hypotheses. **Journal Ecology**. v. 101, 1449–1458, 2013.
- AUBLET, J. B. C. F. **Histoire des Plantes de la Guiane Française**. Pierre-François, London & Paris, pp. 392, 1775.
- AYRES, J. M.; FONSECA, G. A. B.; RYLANDS, A.B.; QUEIROZ, H.L.; PINTO, L. P.; MASTERSON, D.; CAVALCANTI, R. B. **Os corredores ecológicos das florestas tropicais do Brasil**. Belém: Sociedade Civil Maminaurá. 2005. 256p.
- BENCHIMOL, M.; TALORA, D. C.; MARIANO-NETO, E.; OLIVEIRA, T. L. S.; LEAL, A.; MIELKE, M. S.; FARIA, D. Losing our palms: The influence of landscape-scale deforestation on Arecaceae diversity in the Atlantic forest. **Forest Ecology and Management**, v. 384, p. 314–322, 2017.
- BEHLING, H.; JESKE-PIERUSCHKA, V.; SCHÜLER, L.; PILLAR, V. D. **Dinâmica dos campos no sul do Brasil durante o Quaternário Tardio**. In: PILLAR, V.D., MÜLLER, S.C. CASTILHOS, Z.M.S., JACQUES, A.V.A. (Eds.), *Campus Sulinos: Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade*. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, pp. 13–25, 2009.
- BERTNESS, M. D.; BRUNO, J. F.; SILLIMAN, B. R. **Marine Community Ecology**. Sinauer Associates. 550p: 2001.
- BRANDÃO, S. E.; BULBOVAS, P.; LIMA, M. E. L.; DOMINGOS, M. Biochemical leaf traits as indicators of tolerance potential in tree species from the Brazilian Atlantic Forest against oxidative environmental stressors. **Science of The Total Environment**, v. 575, p. 406–417, 2017.

- BROTO, M. L.; CERVI, A. C.; SANTOS, E. P. O gênero *Ocotea* (Lauraceae) no estado do Paraná, Brasil. Rio de Janeiro. **Rodriguésia**, v. 64, n. 3, p. 495-525, 2013.
- BUSSOTTI, F. Functional leaf traits, plant communities and acclimation processes in relation to oxidative stress in trees: a critical overview. **Global Change Biology**. v. 14, p. 2727–2739, 2008.
- BUSSOTTI, F.; POLLASTRINI, M. Evaluation of leaf features in forest trees: methods, techniques, obtainable information and limits, **Ecological Indicators**. V. 52, 219–230, 2015.
- CAIAFA, A. N.; SILVA, A. F. Composição florística e espectro biológico de um campo de altitude no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Minas Gerais – Brasil. **Rodriguésia**, v. 56, p. 163-173, 2005.
- CANDOLLE, A. P. **Dictionnaire classique d'histoire naturelle**, pp. 615, 1827.
- CARDOSO, D. B. O. S.; QUEIROZ, L. P. Caatinga no contexto de uma Metacomunidade: Evidências da Biogeografia, Padrões Filogenéticos e Abundância de Espécies em Leguminosas. IN: CARVALHO, C. J. B.; ALMEIDA, E. A. B. **Biogeografia da América do Sul: padrões e processos**, São Paulo : ROCA, ed. 1, 2011. p. 306
- CARVALHO, J.; MARQUES, M. C. M.; RODERJAN, C. V.; BARDDAL, M.; SOUSA, S. G. A. Relações entre distribuição das espécies de diferentes estratos e as características do solo de uma floresta aluvial no Estado do Paraná, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 23, p. 1-9, 2009.
- COUTINHO, L. M. O conceito de bioma. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, p. 13–23, 2006.
- CUNHA, M. C. L.; SILVA JÚNIOR, M. C. Flora e Estrutura de Floresta Estacional Semidecidual Montana nos Estados da Paraíba e Pernambuco. **Nativa**, v. 2, n. 2, p. 95–102, 2014.
- DOMINGOS, M.; BULBOVAS, P.; CAMARGO, C. Z. S.; AGUIAR-SILVA, C.; BRANDÃO, S. E.; DAFRÉ- MARTINELLI, M.; DIAS, A. P. L.; ENGELA, M. R. G. S.; GAGLIANO, J.; MOURA, B. B.; ALVES, E. S.; RINALDI, M. C. S.; GOMES, E. P. C.; FURLAN, C. M.; FIGUEIREDO, A. M. G. Searching for native tree species and respective potential biomarkers for future assessment of pollution effects on the highly diverse Atlantic Forest in SE-Brazil. **Environmental Pollution**. v. 202, 85–95, 2015.
- EISENLOHR, P. V.; FELFILI, J. M.; MELO, M. M. R. F.; ANDRADE, L. A.; MEIRA-NETO, J. A. A. **Fitossociologia no Brasil: métodos e estudos de caso**. Viçosa: Editora UFV, v. II, 2015. 556p.
- ESPOSITO, M. P.; DOMINGOS, M. Establishing the redox potential of *Tibouchina pulchra* (Cham.) Cogn., a native tree species from the Atlantic Rain Forest, in the vicinity of an oil refinery in SE Brazil. **Environmental Science and Pollution Research**. v. 21, 5484–5495, 2014.
- ESPOSITO, M. P.; PEDROSO, A. N. V.; DOMINGOS, M. Assessing redox potential capacity of a native tree from the Atlantic Rain Forest in SE – Brazil during the exchange of the power generation source of an oil refinery. **Scientia Total Environmental**. v. 550, p. 861–870, 2016.
- FAHRIG, L. Effects of habitat fragmentation on biodiversity. Annual Review of Ecology, **Evolution and Systematics**, v. 34, p. 487–515, 2003.

- FREITAS, S. R.; HAWBAKER, T. J.; METZGER, J. P. Effects of roads, topography, and land use on forest cover dynamics in the Brazilian Atlantic Forest. **Forest Ecology and Management**, v. 259, 410-417, 2010.
- GARCIA, R. J. F.; PIRANI, J. R. Análise florística, ecológica e fitogeográfica do Núcleo Curucutu, Parque Estadual da Serra do Mar (São Paulo, SP), com ênfase nos campos junto à crista da Serra do Mar. **Hoehnea**, v. 32, p. 1-48, 2005.
- GARDNER, T. A.; BARLOW, J.; ARAÚJO, I. S.; ÁVILA-PIRES, T. C.; BONALDO, A. B.; COSTA, J. E.; ESPOSITO, M. C.; FERREIRA, L. V.; HAWES, J.; HERNANDEZ, M. I. M.; HOOGMOED, M. S.; LEITE, R. N.; LO-MAN-HUNG, N. F.; MALCOLM, J. R.; MARTINS, M. B.; MESTRE, L. A. M.; MIRANDA-SANTOS, R.; OVERAL, W. L.; PARRY, L.; PETERS, S. L.; RIBEIRO-JUNIOR, M. A.; da SILVA, M. N. F.; MOTTA, C. S.; PERES, C. A. The cost-effectiveness of biodiversity surveys in tropical forests. **Ecology Letters**, v. 11, p. 139–150, 2008.
- GROENEVELD, J.; ALVES, L. F.; BERNACCI, L. C.; CATHARINO, E. L. M.; KNOGGE, C.; PÜTZ, S.; HUTH, A.; METZGER, J. P. The impact of fragmentation and density regulation on forest succession in the Atlantic rain forest. **Ecological Modelling and Systems Ecology**, v. 220, 2450–2459, 2009.
- GROVES, C. R.; JENSEN, D. B.; VALUTIS, L. L.; REDFORD, K. H.; SHAFFER, M. L.; SCOTT, J. M.; BAUMGARTNER, J. V.; HIGGINS, J. V.; BECK, M. W.; ANDERSON, M. G. Planning for biodiversity conservation: putting conservation science into practice. **Bioscience**, v. 52, p. 499–512, 2002.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE. (Série Manuais Técnicos em Geociências, 1), 1992.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE. (Série Manuais Técnicos em Geociências, 1), 2 ed., 2012.
- IPEMA (Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica). Conservação da Mata Atlântica no Espírito Santo: cobertura florestal e unidades de conservação. Vitória: **IPEMA**, Conservação Internacional, 2005. 142p.
- JOLY, C. A.; LEITÃO-FILHO, H. F.; SILVA, S. M. O patrimônio florístico – The floristic heritage. In: CÂMARA, I. G. (Ed.). **Mata Atlântica - Atlantic Rain Forest**. São Paulo: Index Ltda. e Fundação SOS Mata Atlântica. p. 96-107, 1991.
- LACERDA, L. D.; ARAUJO, D. S. D.; MACIEL, N. C. **Restingas brasileiras: uma bibliografia**. Fundação José Bonifácio, Rio de Janeiro, 1982.
- LEWINSOHN, T. M.; PRADO, P. I. How many species are there in Brazil? **Conservation Biology**, v. 19, p. 619–624, 2005.
- LINNAEUS C. **Systema natum** ed 10, vol. 2. **Holmiae** [Stockholm]: Impensis direct. Laurentii Salvii, 929, pp.1364, 1759.
- LINNAEUS, C. von. **Systema Naturae**, Editio Decima. Laurentius Salvius, Stockholm, pp. 825–1384, 1759.
- LINNAEUS, C. von. **Species Plantarum**, vols. 1–2. Laurentius Salvius, Stockholm, pp. 1200, 1753.

- LIRA, P. K.; TAMBOSI, L. R.; EWERS, R. M.; METZGER, J. P. Land-use and landcover change in Atlantic Forest landscapes. **For. Ecol. Manag.** v. 278, p. 80–89, 2012.
- MAGNAGO, L. F. S.; MARTINS, S. V.; SCHAEFER, C.; NERI, A. V. Gradiente fitofisionômico-edáfico em formações florestais de Restinga no Sudeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, V.24, p.653–665, 2010.
- MARGULES, C. R.; PRESSEY, R. L. Systematic conservation planning. **Nature**, v. 405, p. 243–253, 2000.
- MARTINS, S. C.; NETO, E. S.; PICOLO, M. C.; ALMEIDA, D. Q. A.; CAMARGO, P. B.; CARMO, J. B.; PORDER, S.; LINS, S. R. M.; MARTINELLI, L. A. Soil texture and chemical characteristics along an elevation range in the coastal Atlantic Forest of Southeast Brazil. **Geoderma Regional**, v. 5, p. 106–116, 2015.
- MENDES, M. F.; VALER, F. B.; VIEIRA, J. G. A.; BLAUTH, M. L.; GOTTSCHALK, M. S. Diversity of Drosophilidae (Insecta, Diptera) in the Restinga forest of southern Brazil. **Revista Brasileira de Entomologia**, v. 41, n. 4, p. 296–302, 2017.
- MENDES, K.; GOMES, P.; ALVES, M. Floristic inventory of a zone of ecological tension in the Atlantic Forest of Northeastern Brazil. **Rodriguésia**, v. 61, p. 669-676, 2010.
- METZGER, J. Como restaurar a conectividade de paisagens fragmentadas? In: Kageyama, P.; Oliveira, R.; Moraes, L.; Engel, V.; Gandara, F. (orgs.). **Restauração Ecológica de Ecossistemas Naturais**. Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas Florestais, Botucatu. Pp. 49-76, 2003.
- MILLER, P. **The Gardeners Dictionary** - 4th Edition. [Unspecified Publisher] Vol. 2, 1754.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. MMA. 2016. Mata Atlântica. (<http://www.mma.gov.br/biomas/mata-atlantica>)
- MITTERMEIER, R. A.; GIL, P. R.; HOFFMAN, M. Hotspots revisited: Earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions. **Conservation International**, Washington. 392p, 2005.
- MITTERMEIER, R. A.; MYERS, N.; ROBLES-GIL, P.; MITTERMEIER, C. G. **Hotspots**. Earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions. CEMEX/ Agrupación Sierra Madre, Mexico City. 431p, 1999.
- MONTEIRO, M. H. D. A.; NEVES, L. J.; ANDREATA, R. H. P. Taxonomia e anatomia das espécies de *Pouteria* Aublet (Sapotaceae) do estado do Rio de Janeiro, Brasil. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas. **Pesquisas Botânicas**, n. 58, p. 7-118, 2007.
- MORO, M. F.; NIC LUGHADHA E.; FILER D. L.; ARAÚJO F. S.; MARTINS F. R. A catalogue of the vascular plants of the Caatinga phytogeographical domain: a synthesis of floristic and phytosociological surveys. **Phytotaxa**, v.160, p.1-118, 2014.
- MOURA, R. T. Distribuição e ocorrência de mamíferos na Mata Atlântica do sul da Bahia. 2003. In: PRADO, P. I.; LANDAU, E. C.; MOURA, R. T.; PINTO, L. P. S.; FONSECA, G. A. B.; ALGER K. N. (orgs.) **Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Sul da Bahia**. Publicação em CD-ROM, Ilhéus, IESB / CI / CABS / UFMG / UNICAMP.
- MYERS, N.; MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; FONSECA, G. A. B.; KENT. J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** v. 403: 853-858, 2000.

- OLIVEIRA-FILHO, A. T.; FONTES, M. A. L. Patterns of floristic differentiation among Atlântic Forests in southeastern Brazil and the influence of climate. **Biotropica**, v. 32, p. 793-810, 2000.
- PACIENCIA, M. L. B.; PRADO, J. Distribuição espacial da assembléia de pteridófitas em uma paisagem fragmentada de Mata Atlântica no Sul da Bahia, Brasil. **Hoehnea**, v.32, n. 1, p. 103-117, 2005.
- PAOLETTI, E.; SCHAUB, M.; MATYSSEK, R.; WIESER, G.; AUGUSTAITIS, A.; BASTRUP-BIRK, A. M.; BYTNEROWICZ, A.; GUNTARDT-GOERG, M. S.; MULLER-STARCK, G.; SERENGIL, Y. Advances of air pollution science: from forest decline to multiple-stress effects on forest ecosystem services. **Environmental Pollution**. v. 158, p.1986–1989, 2010.
- PEDROSO, A. N. V.; BUSSOTTI, F.; PAPINI, A.; TANI, C.; DOMINGOS, M. Pollution emissions from a petrochemical complex and other environmental stressors induce structural and ultrastructural damage in leaves of a biosensor tree species from the Atlantic Rain Forest. **Ecological Indicators**, v. 67, p. 215–226, 2016.
- PRANCE, G. T. Forest refuges: evidence from woody angiosperms. In: Prance, G.T. (ed.). Biological diversification in the tropics. **Columbia University Press**, New York. p. 137-158, 1982.
- QUEIROZ, E. P.; CARDOSO, D. B. O. L.; FERREIRA, M. H. S. Composição florística da vegetação de restinga da APA Rio Capivara, Litoral Norte da Bahia, Brasil. **Sitientibus série Ciências Biológicas**, v.12, p.119-141, 2012.
- RIBEIRO, J. E. L. S.; HOPKINS, M. J. G.; VICENTINI, A.; SOTHERS, C. A.; COSTA, M. A. S.; BRITO, J. M.; SOUZA, M. A. D.; MARTINS, L. H. P.; LOHMANN, L. G.; ASSUNÇÃO, P. A. C. L.; PEREIRA, E. C.; SILVA, C. F.; MESQUITA, M. R.; PROCÓPIO, L. C. **Flora da Reserva Ducke**: Guia de Identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra-firme na Amazônia Central. INPA, Manaus. 799p, 1999.
- RIBEIRO, M. C.; METZGER, J. P.; MARTENSEN, A. C.; PONZONI, F. J.; HIROTA, M. M. The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. **Biology Conservance**, v. 142, p. 1141–1153, 2009.
- ROCHA, M. J. R.; CUPERTINO-EISENLOHR, M. A.; LEONI, L. S.; SILVA, A. G.; NAPPO, M. E. Floristic and ecological attributes of a Seasonal Semideciduous Atlantic Forest in a key area for conservation of the Zona da Mata region of Minas Gerais State, Brazil. **Hoehnea**, v. 44, n. 1, p. 29–43, 2017.
- RIZZINI, C. T. **Tratado de fitogeografia do Brasil**. Hucitec, São Paulo, 1979.
- SCHÄFFER, W. B.; PROCHNOW, M. **Mata Atlântica e você**: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira. Brasília: APREMAVI, 2002.
- SCHAEFFER-NOVELLI, Y.; COELHO Jr. C.; TOGNELLA-DE-ROSA, M. **Manguezais**. Ática, 1ed, São Paulo: 2004.
- SCUDELLER, V. V.; MARTINS, F. R. FITOGEO – um banco de dados aplicado à fitogeografia. **Acta Amazônica**, v.33, p.9-2, 2003.
- SHIMABUKURO, P. H. F.; MOREIRA, J. A. C.; COSTA, T. S. D. A. Sand Flies (Diptera: Psychodidae) From the Brazilian Atlantic Forest Domain Collected With Malaise Traps. **Journal of Medical Entomology**, p. 1–4, 2016.

- SILVA, V. I. S.; MENEZES, C. M. Contribuição para o conhecimento da vegetação de restinga de Massarandupió, município de Entre Rios, BA, Brasil. **Revista da Gestão Costeira Integrada**, v.12, p.239-251, 2012.
- SILVA, W. G. S.; METZGER, J. P.; SIMÕES, S.; SIMONETTI, C. Relief influence on the spatial distribution of the Atlantic Forest cover at the Ibiúna Plateau, SP. **Brazilian Journal of Biology**, v. 67, p. 403–411, 2007.
- SLOAN, S.; JENKINS, C. N.; JOPPA, L. N.; GAVEAU, D. L. A.; LAURANCE, W. F. Remaining natural vegetation in the global biodiversity hotspots. **Biology Conservance**, v. 177, p. 12–24, 2014.
- STEHMANN, J. R.; FORZZA, R. C.; SALINO, A.; SOBRAL, M.; COSTA, D. P.; KAMINO, L. H. Y. Diversidade taxonômica na Floresta Atlântica. In J. R. STEHMANN, R. C. FORZZA, A. SALINO, M. SOBRAL, D. P. COSTA, L. H. Y. KAMINO (Eds.), **Plantas da Floresta Atlântica** (pp. 3-12). Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2009
- TABARELLI, M.; SILVA, J.; GASCON, C. Tropical forest fragmentation, synergisms and the impoverishment of neotropical forests. **Biodiversity and Conservation**, v. 13, p. 1419-1425, 2004.
- TABARELLI, M.; PINTO, L. P.; SILVA, J. M. C.; HIROTA, M.; BEDÊ, L. Challenges and opportunities for Biodiversity conservation in the Brazilian Atlantic forest. **Conservation Biology**, v. 19, p. 695–700, 2005.
- TAUSZ, M.; LANDMESSER, H.; POSCH, S.; MONSCHEIN, S.; GRILL, D.; WIENHAUS, O. Multivariate patterns of antioxidative and photoprotective defence compounds in spruce needles at two central European forest sites of different elevation. **Environmental Monitoring and Assessment**. v. 128, p. 75–82, 2007.
- THOMAS, W. W. Natural vegetation types in southern Bahia. 2003. In: PRADO P. I.; LANDAU E. C.; MOURA R. T.; PINTO L. P. S.; FONSECA G. A. B.; ALGER, K. (orgs.) **Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Sul da Bahia**. Publicação em CD-ROM, Ilhéus, IESB / CI / CABS / UFMG / UNICAMP.
- VELOSO, H. P.; RANGEL FILHO, A. L. R.; LIMA, J. C. A. **Classificação da vegetação brasileira adaptada a um sistema universal**. IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Rio de Janeiro, 1991.
- VELOSO, H. P. A vegetação no município de Ilhéus, estado da Bahia I. Estudo sinecológico das áreas de pesquisa sobre a febre amarela silvestre realizada pelo S.E.P.F.A. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 44, p. 13-103, 1946.
- VIEIRA, S. A.; ALVES, L. F.; AIDAR, M. P. M.; ARAÚJO, L. S.; BAKER, T.; BATISTA, J. L. F.; CAMPOS, M. C. R.; CAMARGO, P. B.; CHAVE, J.; DELITTI, W. B.; HIGUCHI, N.; HONÓRIO, E.; JOLY, C. A.; KELLER, M.; MARTINELLI, L. A.; DE MATTOS, E. A.; METZKER, T.; PHILLIPS, O.; SA, S. E. Estimation of biomass and carbon stocks : the case of the Atlantic Forest. **Biota Neotropica**, v. 8, n. 2, p. 21–29, 2008.
- WRIGHT, S. J. The future of tropical forests. Ann. N. Y. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**. v. 1195, p. 1–27, 2010.
- ZACHOS, F.; HABEL, J. Biodiversity hotspots: distribution and protection of conservation priority areas. **Springer**. Heidelberg/Dordrecht/ London/New York, 2011.

